

LIVRARIA ACADÉMICA

J. Guedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO

LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

C. C. B.

RB169,894



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

200

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORÇA

ROMANCE

SEGUIDO DOS INTERESSANTES ESCRIPTOS:—O REI DAS TORMENTAS—A MEMORIA DA RAINHA D. MARIA II (A BOA MÃE)—O DEUS! DAI AO REI A LUZ DA VOSSA JUSTIÇA—O FUNERAL E A POMBÁ—CANTO DA PASTORA—O POBRE—O BOM PASTOR—O TRABALHO—EPITAPHIOS CELEBRES—RESPOSTAS ENGRAÇADAS—HYMNO PORTUENSE—A CAUTELLA DA LOTERIA—A ORAÇÃO DOS MENINOS AO CRUSEIRO DO DESERTO E OS SALTEADORES DA FLORESTA.

COLLIGIDOS POR BENTO SERRANO

PREÇO 200 REIS

PORTO

Livraria Portuguesa—Edição de Joaquim Maria da Costa

55, LARGO DOS LOYOS, 56

1883

Fernando de Sa

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORÇA

OBRAS RECREATIVAS E POPULARES

À VENDA

NA LIVRARIA PORTUGUEZA — EDITORA

DE

JOAQUIM MARIA DA COSTA

55, LARGO DOS LOYOS, 56 — PORTO

- Oraculo (o) da Noite*—Primeira parte—ou o modo seguro de adivinhar o futuro pela verdadeira interpretação dos sonhos, ao alcance de qualquer pessoa. Preço..... 100
- Oraculo (o) das Salas*—segunda parte—ou o modo seguro de adivinhar o futuro por meio da verdadeira interpretação das sortes e adivinhas e muitos outros jogos honestos e recreativos. Preço..... 160
- Oraculo (o) dos Segredos*—terceira parte—ou collecção de muitos segredos uteis a todas as pessoas, e para a cura radical de muitas molestias conhecidas e desconhecidas. Preço 160
- Oraculo (o) das Flores*—quarta parte—ou verdadeiro modo de adivinhar o futuro, pela innocente significação e definição da verdadeira *Linguagem das Flores, Plantas e Arvores*, em forma de Diccionario, ao alcance de todas as pessoas. Preço..... 100
- Oraculo (o) das Sinas* — quinta parte—ou verdadeira arte de adivinhar o futuro, por meio da interpretação da Sina de qualquer pessoa, explicado de um modo claro e facil ao alcance de todas as intelligencias. Preço..... 100
- Oraculo (o) da Magica*—sexta parte—ou o *Espelho Magico do Anão*, seguido da interessante descripção de um *Castello encantado*, ou o *Monte do Castello das Fadas*. Preço... 100
- Oraculo (o) dos Astros* — setima parte — ou a verdadeira arte de conhecer os segredos dos astros pela regular rotação e pelos signaes que se observam de noite e dia, durante as quatro estações do anno. Preço.. 100

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORÇA

ROMANCE

SEGUIDO DOS INTERESSANTES ESCRIPTOS :—O REI DAS TORMENTAS—A' MEMORIA DA RAINHA D. MARIA II (A BOA MÃE)—O' DEUS ! DAI AO REI A LUZ DA VOSSA JUSTIÇA — O FUNERAL E A POMBA--CANTO DA PASTORA—O POBRE—O BOM PASTOR—O TRABALHO—EPITAPHIOS CELEBRES — RESPOSTAS ENGRAÇADAS — HYMNO PORTUENSE — A CAUTELLA DA LOTERIA — A ORAÇÃO DOS MENINOS AO CRUSEIRO DO DESERTO E OS SALTEADORES' DA FLORESTA.

COLLIGIDOS POR BENTO SERRANO

PORTO

Livraria Portugueza-Editora de Joaquim Maria da Costa

55, LARGO DOS LOYOS, 56

1883

A PRACA NOGADA

208

ESCADAS DA TORCA

ROMANCE

... e a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...
... a sua...

COLLECCOES DE BENTO FERREIRA

PORTO

Typ. de ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & JRMÃO

LARGO DE S. DOMINGOS, 74

—
1883

ROMANCE

A praga rogada nas escadas da força

Este romance não devêra chamar-se «romance.» Desde que esta palavra é o atilho onde se enfeixam as mentirosas invenções do escriptor fantastico, não ha historia verdadeira que possa, como tal, recommendar-se com aquelle titulo.

Estes acontecimentos, expostos aqui, segundo o formulario romantico, e affeiçãoados ás leis do estylo romantico, são verdades que não deram brado, nem se gravaram na memoria da geração que os viu e os não comprehendeu.

Na vida moral da sociedade ha phenomenos cuja causa ninguem estuda. No drama da familia ha lances que são do dominio do publico, e o publico não pôde, ainda que o tente, explical-os. Nas attribuições individualissimas do homem ha fazes extraordinarias de soffrimento, que esta sociedade de entranhas crueis lhe recrimina, reputando-lh'as effeitos necessarios das causas, consequencias do crime voluntario.

A sociedade, a familia, e o homem expiam incessantemente a culpa do homem, da familia, e da sociedade. Opera-se uma contínua redempção do genero humano. O homem é, desde o seu principio, a victima da culpa com o labio collado no calix da agonia.

A vida sobre a terra é uma interminavel expiação. Eu pago pelos crimes de meu pae, meus filhos expiarão meus crimes, e o ultimo ser vivo da animalidade intelligente será o holocausto do primeiro homem criminoso.

E' forçoso recorrer ao inconcebivel, ao sobrenatural, ao mysticismo da providencia occulta para comprehender o que vulgarmente se diz «fatalidade.»

Na historia, que vai ser lida, é tão sensível esta necessidade, tão aterrado se sente o espirito diante d'um facto consummado, que eu não tive escrupulo religioso ou philosophico em subordinar um encadeamento de infortunios d'uma familia á *praga rogada nas escadas da forca.*

I

Bernardo da Silva era um filho bastardo de um nobre de Vizeu. Do ventre materno passou á roda dos expostos, e d'ahi aos cuidados d'uma pobre mulher d'aldeia.

Aos dez annos não conhecia pae; e sua mãe, mulher do povo, arrastada sobre a lama da plebe toda a sua vida, morrêra com o segredo do *nobre*, que se dignára descer até ella para honral-a com a deshonna.

Bernardo, aos dez annos, era aprendiz de alfaiate, e de todos os seus companheiros era elle o mais despresado, porque tambem era o mais preguiçoso.

O rapaz vivia triste como se a idade lhe permit-

tisse comprehender a dôr immensa d'um grande desastre. Lá dentro n'aquelle coração infantil fallava uma prophacia funebre. Com os olhos sempre extaticos no horisonte negro do seu futuro, o pobre moço não tinha uma hora livre para o trabalho. Muitas vezes uma bofetada acordava-o d'aquelle lethargo; e o braço, que estava suspenso com a agulha, continuava a sua tarefa molhada de lagrimas.

Aos 13 annos era ainda um aprendiz de alfaiate, repellido d'este para aquelle mestre, desacreditado em todos e inutilmente espancado por todos. Chamavam-no incorrigivel, e elle mesmo conheceu que o era.

Abandonou a agulha, e foi servir em casa de seu pae. Era ahi, como em toda a parte, conhecido pelo «Bernardo *Engeitado*.» Nunca ninguem se lembrou de reputal-o filho *d'alguem*; nem seu proprio pae se lembrou, alguma vez, de que um de seus muitos, filhos, atirados á roda, poderia ser seu lacaio!

Bernardo era lacaio de taboa de seu pae.

II

A posição do lacaio era-lhe mais generosa que a de alfaiate. Tinha muitas horas livres para a sua melancolia, e muitos esconderijos no amplo palacio de seu amo para refugiar-se d'uma sociedade, que elle detestava sem saber porque.

Este viver excepcional n'aquella classe galhofeira, esturdia, e estragada, excitou a curiosidade dos seus companheiros, e, depois, a dos amos. Aquelles caçoavam-no com desabrimento: estes admiravam-no com compaixão.

Bernardo chorava sem mais motivo. Sorria-se com violencia. Era humilde com um não sei que de estra-

nha delicadeza. Destacava-se da sua classe com um ar orgulhoso, mas não calculado. Cumpria as suas muitas obrigações, e ninguém sabia quando as cumpria. Estas qualidades, rarissimas vezes, encontradas n'um laçao, tornavam-no assumpto de estudo para os amos, que principiavam a interessar-se na analyse d'aquelle obscuro engeitado.

Guardadas as inaufervíveis distancias que separam o senhor do servo, os fidalgos souberam que Bernardo desejava muito saber ler, e gastava a maior parte da noite soletrando o abecedario, e decorando as lições que o mordomo da casa lhe dava nas horas desenfadadas.

Qualquer que fosse o impulso que a isso os levou, é certo que o amo, por um nobre impulso, permittiu que o rapaz fôsse a uma escola, e para isso alliviou-o dos encargos de moço de taboa, e levou-o á jerarchia de escudeiro do menino mais velho.

III

Um anno depois, Bernardo fizera admiráveis progressos. Lia com intelligencia do que lia; escrevia com acerto, e aprendera só comsigo a grammatica portugueza, visto que seus amos lhe não tinham permittido esta segunda parte dos seus estudos. Seria um caprichoso luxo permittir ao servo sciencia que os amos não tinham! O muito illustre Francisco de Lucena não daria o menor dos seus galgos pela vasta sciencia do Lobato. E, talvez, tivesse razão.

Em casa de fidalgos d'esta bitóla, quando um criado adquire a confiança dos amos, ha sempre para isso uma de duas razões. Ou o criado, devasso como elles, encobre astuciosamente as devassidões dos amos;

ou se torna estimavel pelo zelo honroso com que procura encobrir-lh'as, já que não póde reprehender-lh'as.

Bernardo estava na segunda razão. Os filhos de... seu pae, eram livres e desmoralizados a não poder ser mais. Quizeram captar a benevolencia do servo, não para aconselhal-os, que não desciam elles a isso, mas para acompanhá-os em empresas difficeis, d'aquellas em que o braço de plebeu é muitas vezes a salvação das costas do fidalgo.

Não o conseguiram nunca; mas tambem não tiveram de arrepende-se da confiança d'esse convite. Bernardo exercia uma influencia admiravel sobre os nobres libertinos. Era a superioridade da intelligencia. Ouviam-no, e maravilhavam-se do acerto das suas idéas, e da linguagem escolhida com que o engeitado se sahia! O facto de ser engeitado era em Bernardo, talvez, um motivo de superstição n'aquella casa. Se elle fosse reconhecido filho d'algum *borra-botas*, como em linguagem nobliarchica se chama um plebeu, de certo lhe não dariam a importancia de o considerarem pela intelligencia. Mas o mysterio, a possibilidade de ser vergontea infeliz d'um tronco illustre, cingiam-lhe a fronte d'uma aureola entre nuvens, que poderiam talvez, mais tarde, dissipar-se, e deixar na plenitude da sua luz aquelle fructo do amor criminoso d'alguma raça nobilissima, mais ou menos aparentada com os Lucenas!

Tudo isto era possivel; mas o que elles julgariam, entretanto, impossivel, é o que vai lêr-se.

IV

A familia que Bernardo servia compunha-se de pae, mãe, tres filhos, e um filha, de todos os irmãos

a mais nova. Por então contava quinze annos. Era bonita, mas pobre. Os morgados não a pediam; os filhos segundos tambem não; e a sensível menina precisava amar, porque o seu coração era da tempera d'aquelles que não sabem conceber sómente o amor com a condicional do casamento.

Eulalia não tinha a mais superficial tintura de instrucção, e por isso não podemos, em boa fé, chamar-lhe romantica. Não era janelleira, nem rapinhava da papeleira dos irmãos o perfumado papel setim para deposito de sensaborias amorosas, e por isso não podemos chamar-lhe douda.

Era uma mulher, e n'isto está dito tudo.

Este Bernardo é que realmente se parecia muito com os nossos poetas de aspirações ferventes e meditações profundas. Mas não era impostor, nem romanticamente parvo. O rapaz tinha uma alma como poucas, e uma tristeza inconsolavel como nenhuma. «A minha organização — dizia elle — é um aborto, uma enfermidade incuravel.»

Eulalia sympathisava com aquella tristeza, e com a figura do rapaz. Achava-lhe traços de similhaça com seus irmãos, e via n'elle o que ella chamava «cara de pessoa de bem». E, com quanto eu deteste esta maneira de classificar as caras, porque não conheço as «caras de pessoas de mal» tenho-me visto em circumstancias forçadas de dizer o mesmo, porque ha n'este val de lagrimas umas caras, que não exprimem bem, nem mal, e essas são as peiores caras.

Bernardo não se lembrou nunca de fazer sentir a cosinheira da casa, e menos se lembraria de accender o fogo do amor no illustre coração d'uma Lucena, com quem em todá a sua vida fallára tres mezes.

Eulalia passou da dôce sympathia ao amor abra-

zado, e do amor abrazado á paixão violenta. Por mais finos e eloquentes olhares que a fogosa menina lançou ao escudeiro, o escudeiro ou não dava por elles, ou explicava-os de qualquer modo, com tanto que não ouzasse ensoberbecer-se d'aquelle affecto disparatado. E Eulalia desesperava-se !

V

Francisco de Lucena espreitava a oportunidade de empurrar a filha para fóra de casa. Aspirou, primeiro aos morgados ; mas encontrou-os pouco apreciadores de formosura e fidalguia. Recorreu, depois, aos burguezes ricos, e encontrou um negociante d'alto bôrdô, que recebeu a proposta com affabilidade e trabalhou desde logo em levar a fim um casamento que permittia aos filhos de seu filho appellidarem-se Lucenas.

O pae annunciou á filha o seu rico futuro, e encontrou-a fria. Apresentou-lhe o noivo, e viu-a enjoada. O noivo, porém, era um rapaz de fina educação, d'alguma intelligencia, de brios que o ouro lhe estimulava, e de orgulho superior á sua classe, porque, ha 50 annos, a classe commercial era muito humilde, supposto já trabalhasse para esta época de barões commerciaes, que, digam lá o que disserem, é o mais palpitante triumpho da democracia. Para me não metter em graves questões sociaes, entenda-se que D. Eulalia repelliu a felicidade que seu pae lhe annunciára com tanto jubilo, e declarou-se sentimental, por tempo de quinze dias, fechada no seu quarto, sem querer ver sol nem lua.

Mas o pae apoquentava-a, sempre que podia, pintando-lhe a mesquinhez do seu futuro, e a pobreza de

sua legitima, que orçaria talvez por tres mil cruzados. E era isto verdade.

VI

E o peor era que o tal João Leite, noivo repellido, ficou amando desesperadamente D. Eulalia. Ferido no seu amor proprio, e envergonhado de tão má estreia, instava com Francisco de Lucena, lançando-lhe em rosto a imprudencia com que viera roubar-o á sua tranquillidade, não podendo contar com a obediencia de sua filha. Esta maneira de accusar vexava Francisco de Lucena, porque era pôr em dúvida o seu poder paternal, e chamar-lhe fraco, imputação que elle odiava ainda mesmo que se tractasse de vencer a repugnancia de uma fraca menina.

Redobravam as mortificações, e Eulalia, immovel como o seu infeliz amor, offerecia-se de bom grado á vingança paternal, mas dizia em linguagem tragica, que só reduzida a cadaver passaria para a posse do tal miseravel, que não tinha vergonha de perseguir uma mulher que o desprezava. O pae realisou o dito popular ; «Casar, ou metter freira.» Eulalia optou pelo segundo, e os preparativos para entrar no convento principiaram.

O amor faz a mulher varonil. Temos visto almas de lama apresentarem uma energia corajosa, quando o tonico do amor lhes vibra as cordas embrionarias d'um coração, que parece arfar de improviso ao repentino choque da paixão violenta.

Nas vespervas da sua entrada no mosteiro, Eulalia escreveu tres cartas. Uma a seu pae. Dizia-lhe que amará um só homem e viveria d'esse amor desgraçado toda a sua vida.

Outra ao escudeiro. Dizia-lhe que tivesse compaixão d'ella, e chorasse uma lagrimea em troca das que ella chorára, e choraria até á morte.

Outra ao seu implacavel pretendente. Dizia-lhe que o amaldiçoava com todo o odio do seu coração. Que lhe atirára á cara com um *não*, e nem assim o envergonhára de continuar a perseguir uma mulher, que lhe cuspiria na cara se fosse um homem.

Esta correspondencia conservou-a Eulalia até ao momento em que transpôz o limiar do convento. O seu primeiro acto foi dar-lhe o destino competente. Depois, chorou, chorou, e attrahiu em volta de si os carinhos dã commuidade que a mortificava com as suas frias consolações.

VII

Francisco de Lucena recebeu com espanto semelhante carta.

Bernardo da Silva embruteceu-se ao ler a sua.

João Leite deu quatro murros n'uma mesa, e sentiu-se suspenso no ar por uma legião de demonios rai-vosos.

Cada um fez seu papel; mas todos tres reunidos deviam formar um grupo digno da melhor caricatura inédita!

Francisco de Lucena correu á grade do mosteiro, e fez alli apparecer imperiosamente a filha.

Quiz forçal-a a declarar o nome do homem que a preocupára até a fazer má filha. Não lhe arrancou a menor revelação. Conduziu-se por outro caminho para chegar ao seu fim. Fez-se sentimental: lamentou, como bom pae, as paixões invenciveis d'uma filha que se préza com extremo carinho. Contou historas análogas,

que acabavam todas por casamentos desiguaes, mas nem por isso menos venturosos. Pediu a sua filha o nome d'esse homem que a impressionára, e fez-lhe entrever a possibilidade de casar-se, se não viesse d'ahi uma absoluta deshonra para a sua familia.

O amor faz heroes, mas tambem faz patetas. Eulalia desceu da sua altiva energia ao razo da toleima. Declarou o nome... o nome de quem? O nome, sem nome, do engeitado, do aprendiz de alfaiate, do lacaio, do escudeiro!...

Que horror!

Nunca se viu um solavanco mais desamparado que o salto de tigre que Francisco de Lucena deu contra a grade que o separava da filha! Por Deus! que a esgana se lhe chega! A pobre menina, arripiada como quem vê um lobo com as fauces vermelhas, e as unhas abertas, foge pelo dormitorio, e fecha-se no quarto.

VIII

Lucena correu a casa com os olhos injectados de fogo. Precisava d'uma victima! Encontrou no caminho João Leite, mas este não podia justificadamente ser sua victima. João Leite mostra-lhe a carta que recebêra de Eulalia. Isto foi exacerbal-o. «Não se lhe dê de ser repellido por essa infame — lhe disse elle — Eu vou provar-lhe que sou pae!... Essa mulher amava um escudeiro... um lacaio... um *engeitado*...»

E continuou a correr impellido pele demonio da vingança.

Entrando em casa, procurou o «engeitado.» Encontrou-o ainda estupidamente absorvido na meditação d'aquella carta. A entrada rapida, que fez no quarto, não deu tempo a que Bernardo escondesse a carta, que

tinha aberta nas mãos tremulas. Lucena arrancou-lh'a com uma convulsão de raiva superior á furia d'um demente. Passou-a pelos olhos, e sem articular um som, lançou mão d'uma cadeira, e á segunda pancada, Bernardo tinha a face coberta de sangue. Era um sangue innocente que reclamava justiça. Era um sangue innocente que pedia a intervenção de Deus, se o ha. Mas a justiça, filha legitima de Deus, viria mais tarde salpicar d'aquelle sangue a face de quem o derramava.

Bernardo, muito ferido, e pisado de successivas pancadas, não pronunciára uma palavra durante este infernal martyrio. Impellido por pontapés, foi lançado fóra da porta do quarto. As forças faltaram-lhe. O sangue corria a jorros. Esvaiu-se-lhe a cabeça, e cahiu.

O fidalgo chamou dous criados, e mandou pôr aquelle homem fóra da porta. Era ao anoitecer. O engeitado foi posto no meio da rua. Quando recuperou os sentidos, achou-se frio. Ergueu-se. Olhou com os olhos da alma para a sua consciencia, e sentiu pela primeira vez vontade de sorrir da sua desgraça pelos labios molhados de fel.

E riu-se. Era um sorriso semelhante ao dos anjos. As almas que podem sorrir assim são as que Deus elege para a sanctidade da bemaventurança.

IX

Bernardo procurou um refugio em casa de uma mulher pobre, que o tractára sempre com amor, mantendo-lhe a fome, quando a aprendizagem de alfaiate lhe não valia o pão de cada dia. Esta mulher fôra ama da roda no tempo em que Bernardo lá fôra lançado. Suppunha ella que talvez o tivesse alimentado

ao seu seio por algumas horas, e esta só conjectura attrahia-a para elle com instincto maternal.

O engeitado curou-se dos leves ferimentos, e pediu a Deus que lhe inspirasse um destino. Esperou.

Em Vizeu fallava-se muito d'este succêso, divulgado por Francisco de Lucena, e por João Leite.

Bernardo era procurado para ser punido, e quem mais diligencia fazia para isso era o Juiz de fóra Paulo Botelho.

O honrado moço, quando se viu na penosa situação de agenciar a sua vida por não poder sahir da pobre casa em que vivia, impellido pela sua innocencia, procurou o Juiz de fóra, e expôz-lhe com a mais eloquente naturalidade a injustiça com que fôra maltratado, e com que estava sendo perseguido.

Paulo Botelho quiz espancál-o com um chicote por ter tido a audacia de entrar em sua casa sem ferros aos pés. Olhou em redor de si procurando um aguazil para fazel-o prender traiçoeiramente; mas o generoso mancebo, adivinhando-lhe as intenções, disse que não precisava fingir-se; que elle dava a sua palavra de honra de não retirar da casa em que estava vivendo, e que mandasse sua senhoria captural-o quando quizesse. O Juiz riu-se da *palavra d'honra* na boca d'um criado de servir, e mandou-o embora, por não ter a proposito um meirinho.

Bernardo encontrou ao retirar-se, nas escadas do ministro, João Leite, que apeava d'uma liteira, segundo o uso dos nobres, comprado pelo ouro do burguez opulento.

João Leite fixou-o com ar de soberano desprezo, e perguntou-lhe :

«E's tu o lacaio de Francisco de Lucena ?

— Fui o laçao do Snr. Francisco de Lucena —
respondeu Bernardo com dignidade.

«E tens o atrevimento de apparecer entre pessoas de bem?

Bernardo suffocou uma resposta amarga, e fez uma continencia respeitosa para retirar-se.

«Vem cá, miseravel! — tornou João Leite—tu és o amante da filha de teu amo?

—Respeitei-a muito, por ser a filha de meu amo, em quanto o servi. Hoje respeito-a, porque lhe não conheço a menor falta que a deshonre!

«Nem ao menos a deshõra de receber as tuas affeições, laçao?

— Eu não lh'as offereci nunca, senhor.

«Offereceu-t'as ella, sevandija?

— Não, senhor.

«Mas ella escrevia-te...

— Sem ser criminosa, por isso...

«Então achas que não é crime escrever a um bandalho?

— Será, se V. S.^a o quer...

«Tenho pena de seres um reptil que tenho nojo de esmagar com a solla da bota! Se tivesses um nome...

— Tenho um caracter, senhor!

Bernardo respondeu com altivez; e João Leite riu-se com desprezo, e olhando-o da cabeça aos pés, replicou:

«Tu sabes que não podes ter caracter, engeitado!?

— Então terei um braço...

«Um braço!» atalhou o fidalgo em projecto, e imprimiu-lhe um valente pontapé, que o fez descer tres escadas maquinalmente.

Bernardo assumira toda a dignidade do homem de coração ultrajado. João Leite achou-se comprimido

entre os braços do *sevandija* que elle suppunha fugir ao primeiro pontapé para evitar o segundo.

Quiz desfazer-se, de prompto, d'este empecilho, e não pôde, porque os pés falsearam-lhe, e as costas bateram-lhe com todo o pêso sobre os degraus de pedra. Tirou rapido de um punhal, e roçou com elle duas vezes sobre o braço direito de Bernardo, que o desarmou, no acto em que uma terceira punhalada lhe resvalára no peito. O engeitado sentiu-se ferido: vacillou um instante na resolução que se debatia entre o homicidio e o perdão. Venceu o primeiro. Aquelle punhal tinto de sangue innocente, pela segunda vez, derramado, entrou no coração de João Leite, e matou-o.

Isto foi obra d'alguns segundos. João Leite gritára: acudiram os criados, e encontraram Bernardo da Silva, de braços cruzados ao pé do cadaver, que vibrava nos seus derradeiros estorcimentos.

Paulo Botelho tambem acudiu. Primeiro recuou aterrado: depois gritou «matem esse homem!» E vendo que ninguem de prompto lhe acceitára o diploma de assassino, mandou-o prender carregado de ferros.

Bernardo caminhou para o cárcere, com a fronte altiva, com nobreza de passo, com serenidade de consciencia, e maneiras d'um principe, segundo a linguagem popular.

X

Foi mettido em processo. Paulo Botelho desenvolveu uma espantosa energia no andamento d'esta causa crime. Erguia-se todos os dias, sofrego de escrever uma sentença de forza.

Os depoimentos eram todos contrarios ao infeliz. Um só homem protegeu esse preso; sabia-se que era

um ancião que lhe levava umas sôpas diariamente, e palavras consoladoras de esperança sem esperança.

Eulalia, sabendo estes acontecimentos até á vespera do dia em que o escudeiro devia ser condemnado, requereu que queria ser ouvida em juizo. Não lhe admittiram o seu depoimento. A pobre menina, inspirada da eloquencia do martyrio, entrou um dia no côro, quando a commuidade orava, invocou o testemunho de Jesus Christo, e exclamou, de modo que a escutasse o povo que estava na egreja :

«Declaro que esse infeliz homem, que vai morrer, depois de martyrisado por meu pae, e apunhalado por um infame que eu despresei, declaro diante de Deus e dos homens, que esse infeliz nunca me disse uma palavra só para que eu o amasse. Fui eu que o amei, fui eu que lhe escrevi, quando entrei n'este mosteiro, fui eu que o fiz desgraçado, mas em recompensa hei-de amal-o toda a minha vida, e hei-de unir-me a elle na presença de Deus!»

Foi grande o assombro dos que a ouviram. O ecco d'este grito sublime chegou aos ouvidos de Paulo Botelho, que estava presente ; mas a sua alma fôra cerrada pela mão corrupta do ouro. O povo murmurava, e dizia que não havia de ser enforcado o escudeiro.

Pobre povo, n'aquelles dias, se tentasse tirar das mãos d'um juiz o seu instrumento inaufervel— o carasco !

XI

Bernardo foi condemnado á pena ultima. Ergueuse uma forca nas proximidades do delicto, entre a casa do Juiz, e a de Francisco de Lucena.

Eulalia exaltára-se no martyrio até causar receios de demencia. Inspiravam-se de uma dôr de morte as exclamações pungentes que soltava a cada ruido que ouvia semelhante ao arranco retrahido d'um justicado. O espectaculo da forza era a sua idéa fixa, desde o momento que uma religiosa imprudente lhe annunciou o destino de Bernardo da Silva.

A infeliz na madrugada do dia da execução fugiu da cella com os cabellos em desordem, com as faces chammejantes de febre, com os olhos embriagados de delirio, e com o coração a estalar-lhe de uma dôr que a endoudecia.

Chegando á portaria não houveram forças humanas que a contivessem. Os ferrolhos cederam ao impulso d'uma fraca mulher, forte da sua desesperação; e esta virgem, com habitos de noviça, e bella, na sua agonia, como um corpo epyleptico que se levanta amortalhado do esquife, corria por entre as multidões que principiavam a agglomerar-se para testemunharem o rolar de uma cabeça de homem aos pés do carrasco, seu irmão, ambos filhos do mesmo Deus, ambos remidos pelo sangue do mesmo Christo.

Viram-na as multidões passar; muitos a conheceram: alguns pronunciaram o seu nome, mas aquella pomba, ferida de morte, era um cadaver que se movia impellido pelo choque da pilha galvanica.

Erguera-se um alarido na cidade. As turbas corriam na direcção da infeliz, a quem chamavam douda; mas não ousou alguém embargar o passo áquella mulher que parecia fascinar com a magestade da sua demencia.

Os que a seguiam esperaram vê-la entrar em casa de seu pae. Enganaram-se. Eulalia subiu as escadas

de Paulo Botelho, e entrou no salão onde fôra lavrada a sentença de cadafalso para Bernardo da Silva.

Paulo Botelho estremeceu na cadeira, quando viu aquelle alvejar de uma larva, ajoelhada nos degraus da tribuna.

Deu-se um profundo silencio de alguns minutos.

Eulalia já não podia coordenar as idéas, que poucos dias antes clamára no côro. O sorriso da loucura, o gemido suffocante, uma lagrima embebida logo no ardor das faces, e algumas palavras entaladas, e apenas intelligiveis, eram alternativas que a tornaram mais lastimavel durante alguns minutos.

A mulher e tres filhas de Paulo Botelho, que a viram entrar, correram ao tribunal, e quizeram arrastal-a d'alli. Era impossivel. A estatua parecia chumbada sobre o seu tumulo.

A familia do juiz julgou conveniente empregar o insulto como consolação. Fallavam do justicado com uma especie de nauzea, que ellas suppozeram ser o balsamo para a ferida mortal de Eulalia. Paulo Botelho, coadjuvando as razões de sua familia, cobria de improperios affrontosos o homem, que, pouco depois, havia de perdoar as injurias com a cabeça no laço da forca.

A exaltação afflitiva de Eulalia tinha tocado o ponto culminante da morte, ou da alienação irremediavel.

«Innocente! Innocente!» eram os gritos unicos, as derradeiras palavras que os labios d'aquella mulher tinham de proferir.

XII

N'este momento entrou um homem que redobrou o espanto. Era Pedro Leite, pae de João Leite.

Este homem fez signal de querer fallar. Attenderam-no todos com religioso respeito.

As suas palavras foram estas :

«Perdô ao assassino de meu filho! O sangue d'esse homem cahirá sobre a minha face! Morreu defendendo-se d'uma aggressão infame! Senhor Juiz de fóra, requeiro a suspensão da execução da sentença. Eu sou parte, e declaro innocente o réo!»

Seguiram-se minutos d'uma estupefacção natural. Eulalia voltou os olhos para o homem que fallára, quiz arrastar-se de joelhos aos pés d'elle; não pôde; a impressão devia matal-a, ou resuscital-a... desmaiou a a meio caminho.

O juiz era o algoz moral creado pelo ouro, assim como o carrasco physico fôra creado pela lei. Não podia eximir-se a pegar do cutello, e seguir seu caminho.

«E' tarde!» respondeu elle.

— Não é tarde! — replicou Pedro Leite, e continuou com solemne exaltação: — Tarde, senhor juiz; é depois que o tribunal do mundo se fecha atraz d'aquelle que vae entrar no tribunal de Deus! Tarde, é quando um juiz de entranhas ferozes se apresenta no banco dos réos condemnados com a face borrifada de sangue innocente!»

«Basta!» exclamou Paulo Botelho, com authoridade.

— Pois sim... basta! mas, abaixo de Deus, invoco o tesmunho das pessoas que me escutam. Declaro que lavo as mãos d'este sangue innocente que vai ser derramado!

O povo murmurou com acanhamento, com a conscienciosa cobardia da sua nullidade, mas balbuciou não sei que palavras que irritaram o juiz.

«Não se tracta só de punir o assassino de João Leite — exclamou o juiz — tracta-se de castigar a afronta que recebeu um nobre, feita por um laçaió que ousou levantar olhos de amante para sua filha!»

— Não, não! — gritou Eulalia, erguendo-se de improviso, com as mãos postas, e cahindo outra vez sobre os joelhos.

O cynico já não tinha coragem para tanto! Soára a hora do ultimo mandato ao carcereiro.

Expirára o ultimo instante de oratorio.

«Cumpra-se a lei!»

Disse o juiz; e fez menção de retirarem-se as ondas de povo que tinham concorrido em tropel, chamadas pelos gritos de Eulalia, e pelo perdão publico de Pedro Leite.

Eulalia foi conduzida em braços para o interior da habitação do juiz.

XIII

A procissão onde a impudencia collocára um Christo, o Deus da caridade, nas mãos d'um padecente, que hia ser esganado!... a procissão, onde se via um homem de tunica branca, um algoz de cutello e alfofa, alguns sacerdotes d'um Deus misericordioso!... a procissão descia terrivel de repulsiva solemnidade para o açougue d'aquella rêz! A tumba da misericordia fechava aquella orgia de sangue! Era um insulto a Deus: o cadaver d'um homem atirado á face do Creador! um escarneo satanico á intelligencia, e ao coração da humanidade!

O prestito parou na praça do sacrificio.

Bernardo com os olhos fitos no ceu via nascer a a risonha aurora da eternidade. Sorriam-lhe os anjos,

e a justiça de Deus mostrava-lhe o seu regaço. A morte do justo era um crepusculo de nova existencia a alumiar-lhe o rosto. Inspirava devoção aquelle seu sancto sorrir para o seio do ceu, que se lhe abria! Trazia nas mãos a imagem do Redemptor; mas lá em cima via elle o Espirito creador, a grande alma, onde se refugiam as almas dispersas na face d'este mundo, e perseguidas pelo demonio da ira, e da vingança, eternamente encarnado nos homens, a quem a sociedade entregou o azorrague da flagellação do virtuoso.

Bernardo caminhava a passo firme para a escada da forca. Estavam contrahidas as respirações. Um gemido, menos suffocado, podia ser ouvido por quinze mil almas que vieram a contemplar aquelle aparelho de morte, segundo a lei, *formulada pelas inspirações do Evangelho*, pelo codigo dos perdões! pelos preceitos do Filho de Deus que morrêra, perdoando!

XIV

Atravez da multidão abriu-se uma clareira para deixar passar um homem, que devia representar um principal papel n'aquelle drama de sangue.

Convergiram todas as attenções para aquelle ponto.

Era Pedro Leite — ainda o pregoeiro da innocencia de Bernardo, com a face cadaverica das longas noites que chorára sobre o tumulo de seu filho unico.

Quem disse a este homem que Bernardo da Silva era um innocente?

Que força occulta o arrasta a abençoar nas escadas da forca o assassino de seu filho?

Phenomenos occultos da Providencia! A voz de Deus, soando pelos labios do mysterio! Explicai-me as operações de Deus, e eu vos explicarei a inspira-

ção sobrenatural que obriga a balbuciarem o perdão os labios, que beijaram morto um filho estremecido...

Pedro Leite aproximou-se do justicado. Ninguem lhe embarçou o passo.

Cheio de magestade, de poesia funebre, e de sancto terror, fallou assim :

«Eu venho pedir o seu perdão á beira do patibulo. Fui eu que o arrastei até ao tribunal em que foi condemnado ; mas não sou eu que o arrasto aqui. Bra-dei em favor da sua innocencia. Pedi, ha momentos, a suspensão d'este acto, em que a minha dôr será mais... muito mais prolongada que a sua. Não me ouviram : impozeram-me silencio, e mandaram-me sahír do sanctuario da lei, que resfolegava sangue pela bôca do seu sacerdote.

«Venho pedir o seu perdão nas escadas da força, e vazar o fel, que me devora a consciencia, na consciencia do juiz implacavel que pede a sua cabeça a altos gritos!»

Ouviu-se um prolongado murmurio. Era a onda popular que refervia sopeada entre as rochas da sua impotência moral, n'aquelles dias, em que o sangue d'um plebeu continuava a operação regeneradora de Jesus Christo.

Bernardo ouviu com presença de espirito a exclamação de Pedro Leite :

«Eu lhe perdô!»

Foram as suas palavras unicas.

Choraram-se então muitas lagrimas. A dôr teve uma explosão, que as coronhas dos soldados reprimiram. As turbas queriam rasgar o quadrado para arrancarem da morte um sancto. Este conflicto foi serenado por outro mais sublime. Ouviu-se uma voz. Viu-se um homem que sobresahia entre as molas populares. Era o

velho, protector unico de Bernardo da Silva, durante a sua prisão. Poucos o conheciam.

Foram estas as suas palavras :

«Nobre senhor Francisco de Lucena! vem vêr teu filho que morre enforcado! Nobre senhor Francisco de Lucena! vem ver o filho da mulher que deshonoraste, como é nobre nas escadas da força! Nobre senhor Francisco de Lucena! vem ver teu filho, o filho de minha filha, que borrifa os teus pergaminhos com o teu sangue illustre!»

E calou-se. Calaram-se todos. E aquelle homem lá estava erguido como o anjo dos tumulos á espera que Deus o mande quebrar a lousa d'uma mulher que ahí falta n'esse transe afflictivo!

Essa mulher morrera, deshonorada, suffocada pela mão da ignominia, a que a soberania fidalga de Francisco de Lucena a abandonára.

Esse homem era o pae d'essa mulher, unico que recebera em seus braços o filho da deshonra, unico sabedor d'aquella existencia, que acompanhou sempre, porque lhe assignalára um braço com uma cruz. Desde o ventre á força, de longe, desconhecido, com o segredo da deshonra de sua filha abafado no coração, este homem seguira os vestigios do neto, sem declarar-o nunca, porque um appellido illustre não o salvava d'uma *illustre* ignominia.

Que impressão fez este homem nas turbas? A do espanto. Mas, momentos depois, chamavam-lhe DOUDO. Por ordem do juiz de fóra hia ser preso o demente. Aproximou-se a justiça d'El-Rei. «E' doudo... é doudo!» dizia o meirinho ao lançar-lhe a mão.

«Não é doudo... é MORTO...» responderam algumas vozes.

E bem morto!...

XV

Hia consummar-se aquelle enredo de peripecias terriveis.

Bernardo pôz o pé direito na ultima prancha da forca. Voltou-se para o povo. Brillou-lhe na face o clarão d'um outro mundo. A sua voz era melodiosa como o cantico do anjo da morte suavissima: mas n'aquelle todo via-se a terrivel magestade do anjo do dia final. As suas ultimas palavras foram estas:

Ouvide a praga d'um padecente, rogada nas escadas da forca: «QUE A JUSTIÇA DE DEUS SE CUMPRE NA PRESENÇA DOS HOMENS!»

.....

O povo voltou o rosto do aspecto hediondo d'uma cabeça injectada de sangue negro. Outros viram-lhe uma onda de luz cingindo a fronte. N'esse momento joelharam muitos justos pedindo ao espirito do justificado a sua protecção na presença de Deus!

CONCLUSÃO

Passaram quinze dias.

Eulalia de Lucena recuperára o juizo, e entrára no mosteiro. Um anno depois, professára. A sua vida foram tres annos de adoração extatica. Ouviram-na murmurar palavras celestes, como em dialogo. Dizia-se que um anjo devia de apparecer-lhe n'aquelles arroubamentos. Chamavam-lhe sancta, e adoraram-na morta.

Passados quatro annos, Francisco de Lucena, sempre afastado de sua filha pela mão do remorso,

morreu de repente no mesmo local em que fôra hasteada a força.

Simão Botelho, filho de Paulo Botelho, dera um tiro em seu pae. O pae quiz sentencial-o : deu-lhe sentença de força, que depois lhe foi commutada em degredo perpetuo. Apenas desembarcou em Cabo-Verde, abriu-se-lhe uma sepultura.

Paulo Botelho, desembargador aposentado, dez annos depois, morria á vigesima quinta punhalada que recebera, por não dar exactas informações d'um peculio de cincoenta mil cruzados, que guardava em uma quinta nas visinhanças de Villa Real.

A mulher de Paulo Botelho morria douda no hospital de S. José um anno depois.

Retavam tres filhas de Paulo Botelho.

Foram devassas até ao escandalo de serem arrastadas a um recolhimento por expresso mandado regio.

Uma appareceu morta n'um aqueducto por onde procurára evadir-se.

Outra casou com um homem que a retalhou de martyrios.

A terceira enforcou-se no batente de uma porta.

A JUSTIÇA DE DEUS CUMPRIU-SE NA PRESENÇA DOS HOMENS.

A praga do justicado nas escadas da força teve o seu complemento no genero de morte que a ultima pessoa d'aquella familia se déra.

Força por força.

Camillo Castello-Branco.

● Rei das tormentas

Et toujours, le front haut, défiant la tempête
Sans trembler, sans pâlir, sous les foudres...
Entonner mon triomphe et couronner ma tête
Du diadème de la morte.

J. FOURNEFORT.

I

Fermente turbilhão d'iradas vagas
Rebramam revoltosas, mar em largo,
Ondêa fragil nau no dorso espumeo
Da montanha das aguas, que revolvem
No bôjo immenso a morte enfurecida
Em sua magestade. O ceu fuzila
Relampagos fugazes, que desferem
Listas de fogo, que no espaço cruzam,
E a nuvem tumida em diluvió rasgam.
Alli... a morte e Deus! o mais é pranto.
Do desespero vão, grito abafado
Na vaga rouca, a debater-se insana,
Contra a rocha que além, throno de morte,
Da côr da morte sobre o mar se ostenta.
Alli... a morte e Deus! Um pranto inutil
Derrama o ancião nas faces pallidas
Da amada filha, que socorro pede,
Nas ancias do terror. A mãe de balde
Ao arquejante peito o filho aperta;
Vê-lhe nos labios innocente riso,
Riso d'um anjo, que abençoa a morte.
Alli... a morte e Deus! Ai dos perdidos,
Perdidos sem remedio!.. Ente supremo!

E' grande esta afflicção! Senhor! soccorre,
A nau, que além se abysma entre agonias,
Que immensas devem ser as do afogado!

.....

II

Á proa vê-se um vulto, estatua d'homem,
Immovel, e terrivel testemunha
D'essa lucta cruel de vida e morte,
E' um homem que ri um impio riso ;
Escarneo dos que choram, tripudía
Entre os gritos pungentes, que espedaçam
Almas affeitas a brincar co'a morte.

III

«Mancebo que assim ris—brada-lhe um velho—
«De nossas preces, vai do mastro á ponta,
«Avança corajoso, e apara o raio,
«Que verte sobre nós o ceu iroso!»
«Cala-te, louco! diz-lhe a rir o joven —
«Tens quasi um seculo... e receias... choras
«Deixar nas aguas um despojo inutil,
«Um cadaver mirrado, que sustentas
«Com lagrimas, talvez!... Que tens co'a vida
«E com os santos surdos, que atormentas!
«Com essa voz rouquenha, e cavernosa?!
«Cala-te, velho! Reanimas os gelos
«Dos cobardes alentos com cerveja!
«Bebe, se te apraz morrer com aria!»
E o mancebo bebeu como em banquete
De festivo noivado entre alegrias.

IV

E a tempestade ruge, e os raios cruzam-se.
«E' certa a morte!» brada á gavia o nauta.
Brado maldito, que matou nos labios
Convulsas preces, e o estertor começa!
As ondas levantaram-se raivosas,
Rolaram no convéz! crepe de morte
Para sempre cubriu esse ataúde...
E os brados conglobaram-se n'um brado,
Longo profundo de infernal tortura!
Surge o mancebo, d'entre a espuma, á prôa...
Encara impavido o estorcer dos naufragos
Sobraçados rolando entre o marulho.
Das ondas verde-negras. Cada grito
Extremo de estertor desperta um riso
Riso de satanaz nos impios labios
D'esse que a morte respeitára ainda!
Feitos pedaços, o baixel do abysmo
Surge e ostenta á luz um quadro acerbo.
Suspensos sobre o páo do mastro grande
Vêm-se corpos, refrangidos, hirtos,
Como chumbados n'esse amparo extremo.
Cadaveres são já, mas sobre os labios,
Mal cerrados, lá tem partida em meio
Terrível expressão do arranco extremo!
Quem resta ahi com vida? E' elle, o joven!
E' elle ao mastro, que estalou, cingido!
Fervem-lhe as ondas, ruge-lhe a procella
Aos pés, em torno, e o maldito ri-se,
Ri-se das ondas que impotentes bramam,
Como se fôra o domador divino,
Que disse ás ondas: «Suspendei as furias!»

V

Serena a tempestade. Ao longe alveja
O claro-azul do ceu na orla infinda
Do remoto horisonte. Esvaie-se ao longe
O trom sinistro do trovão que leva,
Mais longe, a morte a outros infelizes.
Baixam-se os escarceos, razam-se as aguas
Quaes, se a mão de Deus, já bem vingada,
Por sobre as ondas, placida, passasse.
E o joven inda ri! Em torno d'elle
Raros espolios do fatal naufragio
D'aquelle acerbo rir são incentivo.
Nas solidões do mar crê-se sosinho,
Crê-se eterno talvez; crê-se maldito
Do inferno, e, do ceu, da vida, e morte!

VI

A flâmula d'um brigue se desenha
Além na orla azul d'um mar tranquillo,
Veleja mais e mais direito aos restos
Que jogam entre as ondas fatigadas.
Os brados da amurada animadores
Ao mancebo chegaram. Jámais perto
Escuta a voz do nauta, que lhe pede
Momentos só de vida e de coragem,
E em breve será salvo!

E elle riu-se!

Destaca-se do brigue a lancha rapida.
Esforçam-se os remeiros corajosos
Em breve dar a mão ao desgraçado.
Perto d'elle são já. Eis que o mancebo,
Trocando pelo rir um torvo aspecto,
Palavras murmurou que ouviram todos :

«Ludibrio das paixões e da desgraça,
«Cançado de viver n'este arduo inferno,
«A morte procurei, com ancia ardente,
«Nas batalhas travadas pelo sangue,
«Pelo sangue d'irmãos, que eu destestava!
«Vi em torno de mim cavar sepulchros,
«Sangue d'irmãos espadanou-me a face,
«Em meus braços sustive agonisantes,
«Paes de filhos pobres, moços ricos
«D'esperanças e futuro, esposos ternos
«A quem tanto o morrer então custava!...
«E a morte respeitou-me! Vim nas ondas
«Um sepulchro buscar... sorri ás furias
«De irados escarceos, que vi levarem
«Para sempre da terra os que pediam
«A um Deus, que não ha, de vida um instante.
«Minha esp'rança mentiu, maldita esp'rança,
«Maldita morte que me mente ainda!
«Agora sou eu rei, tenho um dominio,
«Dominio sobre mim... ninguem m'o usurpe!
«Despreso a salvação, despreso o amparo
«Que vindes offertar-me! Ao largo! ao largo!
«Emissarios d'um mundo que abomino,
«Instrumentos da vida, que detesto!
«Maldito d'entre vós aquelle seja
«Que ousar roubar-me este prazer extremo!»

O suicida fallou, Gritam os nautas...
Querem salvá-o... ainda esperam vel-o
A' flor das ondas no estorcer da morte...
Em vão!... fechado fora para sempre
Um sepulchro d'um homem, que a desgraça...
A SOCIEDADE... talvez, fizera um impio!

Camillo Castello-Branco.

**A' memoria da Rainha D. Maria II
(A boa Mãe)**

MARIA! regia sombra, que esvoaças,
Suspende o vôo, que te eleva aos ceus!
Contempla, ainda uma vez, a terra aonde
Deixaste herança augusta de trofeus!
Vergaste a fronte, magestoso cedro,
Na lousa sepulchral, FILHA de PEDRO!
Levanta-te, RAINHA!
Vem ver um povo amado, que te chora!
Um povo, que não tinha
Sentido a nobre dôr, que sente agora!...

Vem ver que foste amada entre teus filhos
Que, há pouco, em seus transportes, exultaram
Ao verem-te sorrir maternos risos
Nos labios, que p'ra sempre, se geleram!
Vem ver RAINHA, as lagrimas sentidas,
Que sobre a lousa avara são vertidas,
Por estes filhos teus!
Escuta, oh regia sombra, as orações
Erguidas para Deus,
Que attende á dôr que rasga os corações!

Se a corôa dos avós deixas na terra,
RAINHA amada, que chorada és,
Em troca d'outra, mais brilhante e eterna,
Calcáras d'este mundo os dons aos pés!
Curtiste penas, que te deram gloria;
Com pranto amargo escreveste a historia
D'um martyrio intenso!
Não chores pelo mundo, onde soffreste,
Tens hoje um reino infinito, immenso,
Onde a palma colheste!

Curvai o joelho, captivos resgatados
Das algemas, que o pulso não supporta!
Curvai o joelho ao féretro, que passa...
De PEDRO a augusta Filha ahí vai morta!
Vai fria aquella fronte onde pulsaram
Os desvelos de mãe, que espedaçaram
Dos filhos o grilhão!
Os olhos que choraram sem auxilio,
Na amarga proscipção
As lagrimas amargas do exilio...
Fechado... mortos vão!

Entrai nos regios paços, vêde o Esposo
Que, juntos a seu peito, os filhos tem...
Oh! vêde com que dôr o Pae afflicto
Lhes diz: «Filhinhos meus! não tendes Mãe!»
Oh! vêde as criancinhas, que o supremo
Adeus querem ouvir... adeus extremo
Dos labios maternaes!...
Ai! mudos para sempre! em vão exhoram
A's trevas sepulchraes
A vida, que milhões de filhos choram
E nunca verão mais!

Excelso PEDRO! que tão cedo foste
No banquete de ceu ter a partilha
Dos Heroismos teus!
Recebe a alma de tão cara filha,
E pouza-lhe na frente o diádema
Destinado por Deus.

O' Deus ! Dai ao Rei a luz da vossa justiça

Ps.

I

Descera sobre a terra olhar divino
O REI SUPREMO, que regula o mundo ;
E, ao ver lagrimas tristes deslizarem
Na face onde imprimiu real destino,
Chamou dos anjos seus um anjo, e disse :

«Desce á terra, e volve ao ceu,
Traz contigo um anjo aqui ;
Quero dar-lhe esse tropheu.
Que ao eleitos prometti.

«Não te dôa o pranto ardente
Que has-de vêr chorar o esposo ;
Diz-lhe tu que a dôr pungente
Tem no ceu doce repôso.

«Faz-lhe ver que um throno existe
Onde reina eterna luz ;
Diz-lhe tu que um throno viste
Onde a gloria não tem cruz.

«Diz ao esposo que lamente
Quem no solio portuguez
Supportára a dôr vehemente,
De revez sempre em revez.

«Que pranteie a filha amada
Lastimando um pae, que a palma
Lhe offertára, salpicada
Dos prantos de sua alma.

«Que pranteie a esposa, quando
Sangra ainda o golpe iroso,
E outro golpe miserando
Vem roubar-lhe o caro esposo.

«Que lamentos os soffrimentos
Da mulher, da esposa, e mãe,
E, ainda mais, os mil tormentos,
Que comsigo o sceptro tem.

«Diz aos filhos lacrimosos,
Que d'um justo a oração,
Nos caminhos tortuosos
D'esta vida, é salvação.

«Mostra no brilho da estrella,
Que fulgura n'estes ceus,
Da mãe terna a face bella,
Que, por elles, ora a DEUS.

«Enxuga o pranto do povo,
Que perdeu mãe e RAINHA,
Que lhe dera impulso novo,
Novas glorias, que não tinha.

«Desce á terra e volve ao ceu,
Traz contigo um anjo aqui ;
Quero dar-lhe esse tropheu,
Que aos elleitos prometti.

II

Calara-se o Eterno, e o anjo descera.
N'um leito d'angustia, RAINHA, jazias !
Em torno, vês prantos d'amigos, que soffrem,
Ao ver-te no rosto signaes d'agonia.

E o anjo, que desce, ao ver-te chorada,
Chorada de todos, que todos são teus,
Hesita, não póde dizer-te o preceito,
Preceito divino, mensagem d'um Deus !

Escutas o anjo, e tremes, e choras...
Mas sentes no peito um celeste prazer...
Estendes um braço... murmuras «Esposo !...
«Bem custa deixar-te... mas deyo morrer !»

Silencio de morte, sombria tristeza,
Gemidos profundos reinaram então !...
Mãe terna, quizeste beijar os teus filhos...
Teus filhos não sabem que orfãos já são !

RAINHA, quizeste saudar os vassallos,
Captivos outr'ora, remidos por ti :
Ingratos... embora !... christan, lhes perdôas...
Perdôas... que eu proprio perdão te pedi !

Esposa, comprimes a mão, que recebe
Teus prantos extremos na hora final...
São prantos, que legas á terra que amaste,
A' terra tão cara do teu Portugal.

Comprimes ainda a mão, que estremece,
Do esposo, modelo d'amigo fiel...
«Ai ! traz-me os filhinhos... que eu deixô no mundo
«Aonde tão caro me foi um docel.

Já vinham teus filhos, anciosos, famintos
De vêr em teus labios um riso de mãe...
Volvei, orfãos tristes !... volvei, que estes labios
São mortos p'ra sempre... sorrisos não tem !

III

Tangei, nuncios da morte, os sons carpidos !
Levai ao longe o brado funeral !
Passou, no triste ceu de Portugal,
Um astro de virtude !
Filhos da patria, vinde !... em terra o joelho
Curvai-vos em redor d'este ataúde.

Aqui dorme a filha amada
Do maior homem da historia,
Quê colheu, entre pelouros,
Tantas palmas, tantos louros,
Tanto brilho, tanta gloria !

Foi por ELLA, e pela patria,
Pela patria, e pela Lei,
Que, no ardor de mil batalhas,
Foi colher, entre metralhas,
Um diadema de Rei!

Não p'ra elle, que o não cinge...
Quiz com sangue resgatal-o!
Do triumpho a aureola brilha
Sobre a fronte á augusta filha
A quem diz: «Sou teu vassallo!»

Eil-o pois, finda a peleja,
Novas luctas quer vencer!
Quer vencer pela destreza
Os insultos da avereza,
Que ambições fazem nascer.

Não lhe deixam vêr radiante
N'estes ceus; o novo sol ..
Ver, passada a tempestade,
No brilhar da liberdade,
Nova luz, novo farol!

Não lhe deixaram a gloria
De contar quantos grilhões,
Quantas algemas partira,
Quantos carcerès abrira,
Em troca de ingratições!

O seu premio foi a taça,
Trasbordando amargo fel;
E tragou-a até ás fezes;
Sopportou quantos revezes
Quiz um destino cruel!

Pende a fronte!... A' hora extrema
Chama junto a leito seu
Esta filha, a quem trepassa
Uma herança de desgraça,
Um desgraçado tropheu!

Junto d'ELLA vem um bravo
A quem diz... «Soldado, vem...
«Leva aos teus o adeus profundo
«Do seu chefe moribundo,
«Que de seu mais nada tem!»

E partiu! voou á gloria!...
Que este mundo lhe ultrajou...
E, fugindo ás agonias,
Foi ao ceu, e, como Elias,
O seu manto aqui deixou.

Não morreu! Aqui, não vedes
Sobre o marmore surgir
Uma sombra, que perpassa,
E no tumulto se abraça,
Como quem o quer partir?!...

E' o pae que desce á filha,
E' a dor que desse á dor,
São as almas separadas.
Que esvoaçam abraçadas
A' presença do SENHOR.

Tangei, nuncios da morte, os sons carpidos!
Levai ao longe o brado funeral!
Passou no triste ceu de Portugal
Um astro de virtude!
Filhos da patria, vinde!... em terra o joelho!
Curvai-vos em redor d'este ataúde!

Camillo Castello-Branco.

(O PORTUENSE.)

● Funeral e a Pomba

I

Que vae além nos arraiaes contrarios ?
De espaço a espaço a artilheria trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas ballas !

A sentinella, perpassando mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso ;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce !

Que vae além nos arraiaes contrarios ?
Saudoso dobre de plagentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe !

Lá vem . . . lá vem . . . um sahimento ! Os crepes
Rojam por terra ! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem !

Que dor é essa nos arraiaes contrarios ?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas ?!

Vão no cortejo os generaes, vae tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes !

Que perdas choram os arraiaes contrarios ?
Dir-se-ha que a morte lhes arrancou sinistra
Da crença ao livro n'um augusto nome,
Symbolo claro !

E' certo... é certo... que distincto agora
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos,
Rápido brilho !

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre-humanos
Batalhaes por vossa fé,
Soldados, eia de pé !
Respeitem-se aquellas mágoas,
E do nosso pranto as agoas
Lavem d'odio o coração :
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funérea luz ;
Soldados, olhai a Cruz !
Demos pranto que pranteia,
Demos dor á dor alheia,
Nos dois campos lucto equal !
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez ;
Que ó tomem, é portuguez :
Portuguez d'aquelles peitos.
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a soffrer ;
Portuguez que vem das eras
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que tomem ; e nós, soldados,
Ao ve-los tam consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé ;
Amigos, eia de pé !
Era o seu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscipção ;
Comprehendemos, pois, seu grito,
Nós soldados do Proscripto,
Vinte annos gemendo em vão !

A cada um sua crença e dôres,
Cada qual estreme as côres
Do pendão que traz por si ;
Todo branco, é o nosso aqui.
Mas, se d'elle voz sagrada
Nos manda, por gloria herdada
Ou morrer, ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro estandarte, um sudario,
Manda os tristes consolar.

Porque é de arraial opposto
Não cora o tributo o rosto
A quem o toma ou quem dá.
Soldados, lucto de cá !
E' tributo á monarchia
Por dois campos n'um só dia,
Cada qual por sua lei ;
Um faz honras á rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'Aquelle que jurou Rei !

III

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr ;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr !

Aos filhos não, não lhe basta
Dò mundo fallaz ventura
N'este mal !
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial.

A' viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou ?!
Se enviuvou n'um peito exausto,
Toda a flôr d'essa erma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida.
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr ;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr !

Oremos todos por ella !
Que na morte renascesse
Para Deus !
Que Deus, n'aquella hora ao vel-a
Da dôr escada fizesse
Para os ceus !

Oremos todos ; nós temos
D'Innocentes Desterrados
Uma Mãe ;
Mãe e Pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
Lá tambem.

E, eil-a que alli vae sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr.
E' flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa
Resta a dôr !

IV

Silencio ! Eis para o sahimento ao arco
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu ;
O vento agita de redor dos coches,
C'o a chamma funebre, luctuoso veu.

Que ponto incerto se desenha no alto
Como vagando na amplidão do ar !?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave
Que já-das azas se sentiu cançar.

Baixou mais perto ; e pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos ceus voou ;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou ! (*)

(*) Em um artigo da *Imprensa e Lei* de 21 do corrente, lia-se o seguinte :

«Sobre o coche, aonde é costume levar-se a corôa real, «de repente descobriu-se uma pomba, que sostida, sem susto, «e apesar do movimento, foi vista de todos, e não levantou o «vão senão debaixo do Arco de S. Vicente. Symbolo de candura, nuncia de paz e de venturas, e ave mystica, entre as tristezas d'aquella cerimonia lugubre, appareceu ao povo como «profecia do novo reinado. A piedade dos nossos antigos tiraria egual sentido do inesperado accidente ; e o desejo ancioso «acceitou por espontaneo entusiasmo esse signal de consolação, enviado para adoçar as amarguras de terriveis momentos.»

Em um artigo da *Revolução de Setembro* do citado dia 21, dizia-se :

«Chegado a S. Vicente o prestito funebre, uma pomba «que pairara algum tempo sobre elle, foi-se pousar sobre o coche da corôa, onde se demorou até que o mesmo coche d'alli «sahira. Parece que o Espirito Sancto, como dizia o povo, «lava sobre os destinos de Portugal, inspirando a pessoa do seu «monarcha.»

E sobre o carro que levava a c'rôa !
De susto isenta como poisa assim ?!
E quêda, quêda. . . mas de novo o carro
Segue o cortejo. . . levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo
Decifra avisos, que lhe vem do ceu. . .
E o sahimento se sumiu na Egreja
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu !

O povo, ás vezes allumiado na alma
Dizem que as letras do futuro vê :
Ou seja Deus, que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, póde ser que esparanças
Manso ao ouvido traduzindo alli,
Da pomba o acaso correrá mil boccas,
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu ;
E dos levitas lacrimoso canto
Eccoou na Egreja que um Affonso ergueu !

V

De joelhos, soldados, na ultima prece !
Da loisa na quêda cá sinto o fragor !
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos. . . ? Rogar ao Senhor !

A pomba da Arca, no ramo colhido,
C'o as aguas descendo, fallava de paz
Findava o castigo, e um povo escolhido
A' terra um Messias comsigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova Sybilla,
No corro que leva dos Reis o signal ;
Se a c'rôa é do Reino, na pomba tranquilla,
Tranquillos agouros terá Portugal.

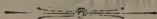
Os campos oppostos são livres nos varios
Opposto juizos que podem fazer ;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarior,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo : esp'remos qué a pomba,
De paz mensageira, da Patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece !
Da loisa na quéda cá sinto o fragor !
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
N'est'hora solemne—Rogar ao Senhor !

J. de Lemos.

(NAÇÃO.)



CANTO DA PASTORA

Ditosa condição, ditosa gente !

CAMÕES.

Filha sou d'estas montanhas,
Cá nasci, cá morrerei,
Os meus bosques são mais lindos,
Que os jardins do proprio rei.

Estes prados côm da esp'rança
Só eu sei o que elles são ;
Só eu sei dizer-lhe a elles
O que diz meu coração.

Estas meigas ovelhinhas,
Minha dôce companhia,
Mais bonitas, mais formosas
Não nas ha na freguezia.

Nem pastora mais amada
- Estas serras viram já . . .
Amada do seu rebanho,
Que do mais não se me dá.

A minha vida é singela
Como é meu coração ;
De manhã mal abro os olhos,
Faço a Deus minha oração.

Vou depois saudar meu pae,
Que já vejo a trabalhar,
Pondo eivecas no arado,
Ou nos campos a lavrar.

Vou levar-lho ao campo o almoço,
E almóço alli tambem,
E depois vou para casa
Ajudar a minha mãe.

Quando o sol no ceu vai alto,
Vou direita ao curral,
Com a roça carregada,
Com estrigas no avental.

Mal eu abro a porta, logo
Ao redor tudo me vem ;
Cada ovelha é uma amiga
Como eu sei que ninguem tem.

Saltam, brincam de contentes,
Que faz mesmo admirar !
E eu tambem com ellas brinco.
Sem receio de enfadar.

Quando eu era pequenina
E brincar com outras ia ;
Muitas vezes me enfadava,
E tambem me aborrecia.

Mas co'as minhas ovelhinhas
Não me sei aborrecer,
Sei que são minhas amigas...
Quem m'as dera perceber!

Sou pastora, e n'esta vida
Bem desgosto sei que ha ;
Quem quizer de mim aprenda,
E desgostos não terá.

Eu não sou namoradeira,
Nem dou trela aos que m'a dão.
Sou tão livre n'este mundo,
Como os passarinhos são.

Quando escuto essas doçuras
Que todos sabem dizer,
Sempre digo : meus amigos,
N'outra porta vão bater,

Minha mãe, quando era nova,
Como eu, era também .
Eu em tudo sigo o exemplo
Que me dá tão boa mãe,

E meu pae gostando d'ella,
Foi pedil-a a minha avó,
Não tiveram namoricos,
Que de mágoas servem só.

Quem dê mim gostar, que siga
O caminho de meu pae.
Donzella, que escolhe esposo,
Sempre mal na escolha vae.

Eu não sei nada do mundo,
Não distingo o bem do mal ;
Os mais velhos são que sabem
Cada homem quanto val.

E por isso eu nunca soube
O que é triste viver,
Não me accusa a consciencia
De ter feito alguém perder.

Não digo mal dos visinhos,
Nem invejo o que elles tem :
O que temos vem do ceo,
Seja mal ou seja bem.

Peço a Deus o bem de todos,
Para que peçam por mim !
Tal nasci, tal viverei,
E oxalá que morra assim.

O POBRE

O pobre, que teme a Deus, carece
muitas vezes do necessario ; porém
a tranquillidade do seu coração, é
para elle o equivalente da abundancia.

PROV. 15.

Nasci pobre, e pobre vivo,
Mas ninguem mais rico é.
Tenho esperanza, temo a Deus,
Sou christão, e tenho fé.

Peço esmola com brandura,
Vou contente se m'a dão ;
Se m'a negam, não maldigo,
Sou feliz, quer sim, que não.

Uma porta está fechada,
Outra porta aberta está ;
Quem pedir em ambas ellas
Nunca a fome o matará.

Deus é grande, e deu ás aves
Um grãosinho p'ra viver;
Eu fui feito á sua imagem,
Não hei-de á fome morrer.

Quando sinto a negra fome,
Ajoelho em oração;
Uma sei que Deus me deu,
Promettendo dar-me pão.

Faço a minha ardente prece,
Vou ás portas mendigar,
Bem depressa encontro allivio,
Bem depressa torno a orar.

Já me disse alguém, que a vida
Em que eu vivo era cruel;
Prometteram-me venturas
N'um comprido aranzel.

Ouvi dizer que eu devia
Ser mui rico, e pobre sou;
Por herança, não, de certo;
Bem pobre era meu avô.

Mas disseram-me que os ricos
Dos pobres eram ladrões;
Quem m'o disse enriqueceu.
Nunca mais lhe ouvi razões.

Já peguei tambem em armas
Contra os ricos; e depois
Só lucrou n'esta partida
Quem sabia o nome aos bois.

O meu chefe era tão pobre,
Como eu sendo fiquei;
Mas depois vio-o de sege,
Que de véras me espantei!

Fui-lhe dar os parabens,
Com sincera alegria ;
Mas, oh caso milagroso !
Fez que não me conhecia !

Desde então fiquei sabendo,
Nada custa rico ser :
Ponto é subir ás costas
De quem queira escada ser.

Eu não sirvo para escada
Dos que sobem ao poder,
E me dão um pontapé,
Quando não temem descer.

Nasci pobre, e pobre vivo,
Mas ninguém mais rico é ;
Tenho esperança, temo a Deus,
Seu christão, e tenho fé.

O BOM PASTOR

Ditoso aquelle que sabe soffrer
as injurias ! Mais ditoso ainda
que paga bem por mal.

(ECCLES. 3.)

I

Era uma vez um ministro
Do altar do Senhor Deus,
E tambem era vigario,
Que guiava o seu rebanho
Pelo caminho dos ceus.

Era tido como sancto,
E de todos era pae ;
E tão pobre elle vivia,
Como vive um pobre, quando
Mendigando ás portas vae.

Eram pobres seus freguezes,
Elle nada lhes pedia ;
Se lh'o davam, por esmola,
Quando estava em indigencia,
Por esmola o recebia.

Quando alguem do seu rebanho
Era pobre e enfermava,
Então ia o sacerdote
Pelas portas mendigando
Os soccorros, que ajuntava.

E, assim, valendo ao pobre,
Amparava-lhe o viver ;
E o pobre, depois, vinha,
Joelhando aos pés do padre
Sua vida agradecer.

Bem diziam que era sancto
O ministro do Senhor !
Não havia, n'este mundo,
Quem amasse mais o povo,
Quem lograsse tanto amor.

II

Alta noite, foi chamado
Um doente a confessar ;
E, n'um quarto introduzido,
Vi a filha d'essa casa
A morrer, a agonisar.

Por seus paes abandonada.
Tinha sido a infeliz,
Pois cedêra amor ao crime,
E á luz déra um menino,
Que seu pae nunca vêr quiz.

O menino alli nas taboas,
Sem algum agasalhado,
Sem saber por que chorava,
Lamentava a sua sorte
Por se vêr abandonado,

Sua mãe já não ouvia
Esses gritos de seu filho;
Nem no via alli nas taboas,
Pois que a morte de seus olhos
Já toldára o vital brilho.

As palavras, que ella disse,
Foram poucas e cortadas
Por gemidos de remorso,
E por lagrimas contritas,
Pelo vigario arrancadas.

Pouco depois, não vivia,
Acabára o seu destino!
Mas o padre tinha outro,
Pois tomou nos ternos braços
O despresado menino.

III

Foi segredo a triste causa
Da morte da desgraçada;
Ninguem disse, que morrêra,
Por ter dado á luz um filho.
Acabando deshonrada.

Algun tempo a criancinha,
D'alli longe, foi creada;
Mas apenas teve idade
De ser util para o mundo,
Pelo padre foi chamada.

Mas ninguem sabia d'ella,
E grande espanto causou,
Quando a viram sempre ao lado
Do vigario venerando,
Que á morte a arrebatou.

Murmuraram contra elle
Esquecendo os beneficios;
Mas o padre não fez caso
D'esses ditos tão fundados
Sobre tão falsos indicios.

Augmentaram os aleives
Contra o sancto, e já diziam,
Que na sua freguezia,
Sempre honrada, exemplar,
Um tal parochó não qu'riam.

Despresavam seus favores
E de casa o expulsaram;
E por fim vendo o silencio
De tão nobre e sancto homem
Ao Prelado se queixaram.

IV

Foi chando o sacerdote
Por seu Bispo admirado!
Sobre aquellá criancinha,
Que educára em sua casa,
Foi o padre interrogado.

Respondeu não era sua ;
Mas que nunca elle diria
De quem era, pois a campa
D'essa mãe, que o dera ao mundo,
Deshonral-a não queria.

O Prelado rigoroso
Não o quiz acreditar ;
Suspendeu-lhe o ministerio,
E tambem ameaçou-o
De jámais parochiar.

Pobre padre, foi p'ra longe
D'aquelles sitios viver ;
Mendigava, e, a seu lado,
Lá trazia o desditoso,
Que causára o seu soffrer.

Não podia dizer missa,
Pois que fôra já suspenso !
Mas continuo trabalhava
Com o seu filho adoptivo,
A quem tinha amor immenso.

E dois annos se passaram,
Quando á porta da choupana,
Em que os dois tristes viviam,
Entra um homem bem trajado,
De presença nobre e ufana.

V

«Padre — diz chorando o homem —
«Vós já fostes o pastor,
«D'uma terra onde eu fiz
«Desgraçada até á morte
«Uma victima d'amor?»

— Sim— responde o padre — eu fui
— N'essa terra, que dizeis,
— O pastor, com quanto indigno,
— E lá vi morrer a victima
— Em torturas bem crueis!—

«Mas, dizei-me (tornou elle)
«Tambem morreu esse anjinho
Que lhe deu a morte a ella?
«Ou acaso ainda vive
«O meu filho innocentinho?!

— Inda vive! (exclama o padre)
— Inda vive... e eil-o aqui!—
N'isto o pae abraça o filho,
Exclamando: «Ah! sim... perdi-a...
«Mas a ti não te perdi!

«Vós que qu'reis, ó sacerdote,
«Que vos dê em troca d'elle?»
— Elle é vosso .. (torna o padre)
— Eu por mim só tenho a esp'rança
— De ser pago por AQUELLE!

E, dizendo isto, apontava
Para a cruz de JESUS-CHRISTO,
E depois ajoelhado,
Em profunda oração,
Por longas horas foi visto.

VI

A' porta do sacerdote,
Se ajuntou a multidão.
Vem em pêso a freguezia
Supplicar ao ultrajado
Da calunnia o seu perdão.

Mas o padre está de cama
Nos paroxismos finaes.
A velhice e a indigencia
Vão calar-lhe n'este mundo
Os alentos immortaes.

Fez chegar junto ao seu leito
Os seus maiores inimigos ;
E estendendo a magra mão,
Os chamou, em lhes dizendo :
«Vinde, vinde, meus amigos !

«N'esta hora eu precisava
«De vos vêr e abraçar ;
«E' só isso... que .. do resto
«Já vos tinha perdoado.»
«Vinde vós me perdoar.»

«Vinde vós, dai-me o perdão
«Do escandalo que dei
«Por calar o meu segredo,
«Que seria uma deshonra
«A' mulher que baptisei !»

Choravam todos, e elle
Dando a mão aos que choravam,
Já lhes não sentia os beijos
Pois ao reino da virtude
Os anjinhos o levavam

AO TRABALHO

Trabalhar... que o trabalho é ri-
queza.

CASTILHO.

Quem houver de ser feliz
N'este mundo, é trabalhar;
Quem trabalha não precisa
Loucas honras mendigar.

Hoje as *honras* tem seu preço
Na deshonra, e na vileza;
Quem as pede, e não as ganha,
Não as tem de natureza.

Ha' quem diga que o trabalho
É pesado e nada brilha;
Mas ninguém trilhe o caminho
Que quem diz tal cousa trilha.

O trabalho é lei do Eterno,
É preceito universal,
Quem se exime ás leis de CHRISTO,
Entre os homens é fatal.

Quem trabalha tem um premio,
Tem a paz nó coração,
Tem a pura consciencia
Seu mais nobre galardão.

Quem trabalha passa o dia
Sem sentir a pena dura
Dos que vivem ociosos
Sem temer sorte futura.

Quem trabalha tem a noite
De folgado repousar;
Quando acorda sente forças
Para o novo trabalhar.

Quem trabalha tem segura
A mercê do seu suor;
Tem no braço vida e força,
Sente n'alma ardente amor.

Tem mulher, tem caros filhos,
Que lhe dão novo conforto,
Nova força ao debil braço,
Nova vida ao braço morto.

Trabalhar ! palavra sancta,
Sancto legado de Deus;
O trabalho é a virtude,
Cujo premio está nos ceus.

Quem causou nossas desgraças,
Quem causou tanta maldade,
Foi, por certo, a indolencia,
Foi a vil ociosidade.

Portugal foi grande, e rico,
Quando o gráo da mor nobreza,
Era buscar no trabalho
As origens da riqueza.

EPITAPHIOS CELEBRES

Até nas sepulturas ha motivo de
riso, quando lagrimas devêra ser
tudo.

H. PINTO.

Não fallaremos dos pomposos epitaphios do rei Atila; nem dos obscenos versos escriptos no tumulo de Brixia, famosa prostituta de Roma; nem da saudosa legenda que um Veneziano mandou insculpir no mausoleo do seu cavallo; nem d'outro parecido que uma senhora romana fez escrever no tumulo de alabastro, que mandou erguer a um grilo, que lhe morrera d'uma indigestão d'alface. Deixemos essas misérias do orgulho humano, para fallar d'outras, que não o são tanto, mas nem por isso desmerecem de tal nome, rigorosamente fallando.

Na cidade de Gayeta ha uma sepultura muito antiga, com este epitaphio: *Silvio Alladio para que, morrendo, vivesse—viveu, morrendo.*

A' imitação d'este lê-se na antiquissima sepultura do vigario de Moura: *Aqui jaz quem vivendo morreu, e morreu vivendo.*

Na sepultura d'um professor, encontrada pelo bispo de Mondonedo, lia-se a seguinte inscripção :

*Ensinei, quando era vivo;
E, depois de morto, ensino
Se quem me vir se lembrar,
Que ha-de vir aqui parar.*

Um grande litterato, mas toda a sua vida muito pobre, pediu que lhe pozessem este epitaphio: *Aqui jaz um homem, que partiu d'este mundo, sem saber o que veio cá fazer.*

No theatro da vida humana, entre muitos epitaphios lê-se o seguinte: *Nú vim ao mundo; nú me acho aqui; d'esta sorte, não ganhei, nem perdi.*

Um homem muito descortez, que nunca se descobrira diante de ninguem, levou o seu orgulho além da morte com tal epitaphio:

*Aqui jaz um descortez,
Que a ninguem chapeo tirou,
E por 'star sempre coberto
Aqui a meu gosto estou.*

Não dizia assim um outro, que está enterrado no Convento dos religiosos de S. Francisco, em Santarem: *Aqui jaz Vasco Figueira, muito contra sua vontade.*

No sepulchro de dous casados, que tinham vivido em continua pancadaria, escreveu algum patusco este epitaphio: *Oh caminhante! vê n'este sepulchro uma rara maravilha, que é estarem juntos, marido e mulher, sem brigarem.*

Um viuvo mandou insculpir este elogio funebre

na campa de sua mulher: *Aqui jaz minha mulher!
Ah! que não pôde estar melhor para seu descanso e
meu!*

Um cozinheiro quiz que lhe escrevessem este epitaphio: *Ainda aqui conservo o meu officio; porque se na vida regalei golosos, agora regalo bichos.*

Em tres sepulturas de tres amantes do vinho, lê-se:

1.^a Pôde o vinho matar-me a mim, mas não pôde matar-me a sêde.

2.^a Como o vinho foi minha vida, oh passageiro, em lugar de lagrimas espalha sobre mim um copo d'elle, e talvez resuscite.

3.^a Aqui jaz Horasco, Sargento, que viveu jogando, e morreu bebendo.

No mosteiro do Carmo de Lisboa, lia-se este letreiro:

*Aqui jaz Pero Cegû
Que teve muito dinheiro;
Por amigos ficou nú:
Eil-o aqui jaz sem dinheiro.*

Parece que estava tão pobre de dinheiro, como de consoantes. Naturalmente gastou-as com os amigos, com quem os poetas realmente gastam muitas.

No mesmo mosteiro, defronte do altar-mór, ha umas lettras que dizem:

*Esta é uma sepultura,
E debaixo d este penedo
Está Antonio de Macedo.
Em pó e cinza escura.*

*Foi fidalgo maito nobre,
Rico abastado do mundo,
Emfim que cá deixou tudo
E aqui está muito pobre.*

Na claustra ha outro com esta legenda :

*Aqui jaz Pero Machado,
O qual morreu matado.*

Na casa do Capitulo lê-se em outra sepultura :

*Aqui jaz Pero Grou,
Que como os outros acabou.*

Na Sé de Lisboa está uma sepultura com um le-
treiro que diz : *Aqui jaz Bastião Rodrigues, criado da
Infante D. Maria o qual foi a Africa servir El-Rei
nosso senhor, e depois vindo a esta cidade matou a
sua mulher por lhe fazer adulterio. Pede por amor
de Deus nosso Senhor que lhe digam um Pater Nos-
ter, e uma Ave Maria por sua alma.*

No convento de S. Domingos d'Evora, lê-se na
sepultura d'um sabio :

*Letrado fui afamado,
E das lettras muito vi;
Mas emfim tambem morri
Como qualquer desastrado.*

Na mesma cidade, em uma capella da Sé, appa-
rece outro letreiro, que diz :

*Ah! João Gorizo
Nunca ninguem te tocou
E agora bem te pizo.*

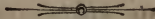
Na mesma cidade estava este letreiro, n'uma pa-
rede muito antiga : *Aqui jaz João Vasques, que es-
teve na tomada d'esta cidade, sempre com a barba
para os mouros vivos, e com a trazeira para os de-
functos.*

Na Graça de Lisboa ha uma sepultura muito antiga, que diz: *Aqui jaz Vasco Bello, homem fidalgo, que trouxe espada, e ninguém matou com ella.*

Era uma maravilha n'aquelles tempos! Hoje maravilha é o contrario.

Em S. Domingos da cidade do Porto, junto ao pulpito, lê-se este epitaphio: *Aqui jaz Martin Covo, que morreu falando, e viveu mudo.*

A maior parte d'estes epitaphios é extrahida do 4.º volume do *Panorama*, que os colheu de uma collecção d'um curioso do seculo de quinhentos.



RESPOSTAS ENGRAÇADAS

O util com o agradável.
HORACIO.

Um ordenando, que não tinha nada de que esquecer-se, porque não sabia cousa alguma, foi fazer exame para tomar ordens. Quando o pobre rapaz estava cheio de mêdo, veio-lhe ao bestunto uma idéa que deveria salvá-lo d'aquelle perigo imminente. Collocou-se á porta da sala dos exames, e, conforme iam sahindo os examinados, perguntava a cada um as perguntas que lhe fizeram, e as respectivas respostas. Assim preparado, entrou para dentro, quando lhe chegou a sua vez, e a cada pergunta que lhe faziam, respondia com um tremendo disparate. O examinador, farto de rir-se, quiz mangar o seu bocado com o ordenando, e perguntou-lhe: *Se Vm.^{cc} estivesse dizendo missa, e lhe cahisse um burro dentro do calix, o que fazia?* O estudante lembrou-se da resposta que outro déra, perguntando-se-lhe o que faria, se lhe cahisse

no calix uma mosca. E sem mais reparo, respondeu da seguinte maneira: *Tirarei o burro do calix, e o porei na patena para escorrer algum sangue, que tenha embebido, e depois, se tiver estomago capaz, o engulirei, senão pegando-lhe subtilmente com dous dedos, o queimarei na vella, e as cinzas as botarei na pia.* Não era pequeno bocado que o tal sujeito engulia! Deus nos livre d'estes estomagos em tempo de fome! seriamos necessariamente engulidos!

A outro ordenando perguntaram: *Que faria Vm.^{co} se, estando a dizer missa, um rato lhe fugisse com a hostia?* — «Dava-lhe logo a sancta unção (respondeu elle) para que morra com todos os sacramentos, porque o furto é de egreja, e tem pena de morte.» — E não ha pena de morte para os que respondem assim!

Perguntaram a outro como estava Deus no ceu. *Como está em sua casa,* respondeu elle, *estará como quizer.*

Querendo um examinador zombar d'um estudante de Coimbra, perguntou-lhe quantos cestos de terra tinha o monte Arroio. *Isso é conforme* (respondeu o estudante), *se o cêsto fôr do tamanho do monte tem só um; se fôr do tamanho de ametade terá dous, e assim á proporção.*

Um sujeito procurou outro, e recebeu do creado a seguinte resposta: *Meu amo passou mal a noite com grande vigilia, e foi ao sermão para ver se podia dormir alguma cousa, e em se acabando vem logo para casa.*

O cardeal Volseo, valido do rei de Inglaterra, fez uma proposta no parlamento, que todos approvaram, menos o chanceller Thomaz Morus. O cardeal espantou-se de que elle só se oppozesse ao conselho de tantos sabios; mas Thomaz Morus, com toda a fleuma, res-

pondeu: *Pois dêmos graças a Deus, por que el-rei nosso senhor tenha um só tólo no seu conselho.* Antes de ser decapitado este corajoso defensor do Papa, veio o barbeiro fazer-lhe a barba: *Tende mão,*—disse elle,—*porque el-rei e eu estamos litigando sobre o qual de nós toca esta cabeça; e, se toca a el-rei, não será justo que eu carregue com a paga da barba.* Subindo, pouco depois, ao cadafalso, disse a um dos que alli estavam: *Faça-me o favor de me dar a mão para subir, que ao descer não lhe darei esse trabalho.* Morreu em defeza da fé e da religião.

O vice-rei de Napoles, visitando as galés, fez algumas perguntas aos presos sobre as causas que alli os fizera vir. Todos diziam que estavam innocentes, e eram victimas da prepotencia dos juizes, e do odio injusto das partes, á excepção d'um que respondeu: *Senhor, eu estou aqui pagando os meus peccados, porque tenho tido uma vida estragada, e justamente mereço este castigo pelo meus delictos.* O duque, fingindo-se muito enfadado, disse ao carcereiro: *Ponham d'aqui para fóra este velhaco, que não quero que esteja um só perverso entre tantos innocentes.* E voltando-se para o preso disse: *Vai para tua casa, que não quero que pegues aos mais essa lepra, de que estás infeccionado, mas tracta de curar-te, senão infallivelmente morrerás.*

Um soldado francez, que pedia um emprego ao secretario de Estado, (que tinha um nariz muito pequeno) nunca podera ser despachado; mas de cada vez que lhe fallava, dizia sempre: *Deus lhe conserve a vista dos olhos.* Isto foi tantas vezes repetido, que o secretario lhe disse: *Oh homem, tu vês-me nos olhos algum signal de vir a cegar?* «Não, senhor (respondeu o soldado); mas peço a Deus que lhe conserve a vista,

porque tem muito mau nariz para oculos.» E o caso é que arranjou a ser despachado.

Uma testemunha, jurando n'uma causa, disse que tinha 30 annos. Dez annos depois foi necessario jurar outra vez, e disse que tinha 30 annos. *Como assim?* —disse o juiz— *ha dez annos que Vm.^{ce} tinha 30.* «Pois ahí verá Vm.^{ce} a minha verdade (disse a testemunha), porque sempre digo o mesmo, sem accrescentar, nem diminuir cousa alguma.»

Tres soldados de cavallaria estavam na frente d'um piquete que ia entrar em fogo. O do meio cambaleava com somno, e os da ilhargas conversavam. N'isto veio uma bala d'artilheria que levou a cabeça do do meio: e um dos dous, sem assustar-se, disse para o outro com muito descanso: *Ora vê lá tu que tal ficará este camarada em acordando, vendo-se sem cabeça!*

Um soldado hespanhol, que só tinha um ôlho, estava jogando quando veio uma bala e lhe tirou o outro, e elle, com a maior gravidade, tirou o chapéo e disse aos parceiros: *Ora tenham Vm.^{ces} muito boas noites.*

A outro, a quem o excesso do vinho tinha posto os olhos em miseravel estado, estando para beber o seu quartilho, lhe disseram, que se tal fizesse, ficaria cego. O homem não era de meias medidas. Pregou com o vinho no estomago, dizendo: *Pois adeus luzes, que se apagam as candeias.* Por fim cegou, mas não perdeu o tacto da taverna.

Hymno Portuense

DEDICADO A SUA Magestade o Senhor D. Pedro Quinto,
NO DIA DA SUA REAL ACCLAMAÇÃO

Novo sol nos céos da patria
Eis começa a fulgurar ;
Porto heroico, ao Joven Rei
Dá-te pressa em acclamar.

CÔRO

Viva, viva Pedro Quinto,
Viva o numem da nação
Mais que throno, altar lhe presta
Cada Luso Coração.

Outros reis o throno firmem
Sobre a base do temor ;
Pedro Quinto firma o throno
Dos Portuguezes no amor.

CÔRO

Viva, viva Pedro Quinto,
Viva o numem da nação !
Mais que throno, altar lhe presta
Cada luso coração.

Dôce paz, virgem do empyreo . . .
Do empyreo a vejo baixar,
E de Pedro o diadema
De oliveira entrelaçar.

CÔRO

Viva, viva Pedro Quinto,
Viva o numem da nação !
Mais que throno, altar lhe presta
Cada luso coração.

A terna esposa bemdiga
Bemdita a mãe extremosa
Fausta aurora esperançosa
De reinado o mais feliz.

CÔRO

Salve, salve, ó sacra alliança
Do Monarcha, e sua grey!
O Rei jura — pelo povo,
Jura o povo — pelo Rei.

O buril ao bronze anime,
Dê vida á tela o pincel;
E conte padrão fiel
Nossa ventura ao porvir,

CÔRO

Salve, salve, ó sacra alliança,
Do Monarcha, a sua grey!
O Rei jura—pelo povo,
Jura o povo—pelo Rei.

O' nymphas do pátrio Doiro,
O' genios da leal cidade,
A exaltada Magestade
Em almos hymnos cantai.

CÔRO

Salve, salve, ó sacra alliança,
Do Monarcha, e sua grey!
O Rei jura — pelo povo,
Jura o povo — pelo Rei.

A CAUTELLA DA LOTERIA

(HISTORIA QUE PODIA ACONTECER.)

I tell the tale as't was told to me.

W. SCOTT.

Ha gente que se pronuncia contra as loterias : não lhe acho razão. A loteria destroe mais d'uma esperança vicejante, mas ao mesmo tempo é fonte de desejos e de prazeres — nutre o pobre de idéas fantasticas, que muitas vezes se realisam, enriquece por pouco dinheiro e empobrece por muito; em fim, como todas as coisas da vida—é origem de muitos males e de muitos bens. Ora as loterias tem dado logar a mais d'uma anedocta singular. Vou contar uma d'este genero que li não sei aonde, ou que tambem me contaram.

O sr. Manoel Joaquim era um homem gordo, nariz algum tanto arrebitado, cabello raro no alto da cabeça, e uma phisionomia expressiva, que revelava os seus principios grosseiros. Tinha-se primeiramente dedicado ao commercio, onde adquirira uma tal ou qual fortuna, que desfructava habitando um quarto andar n'uma das ruas de Lisboa. O sr. Manoel Joaquim não tinha parentes, além d'uma sobrinha, atirando mais para velha do que para moça; no entanto existia em casa d'elle uma criada joven, feia de cara mas de cintura delicada e corpo esbelto, que daria pasto á maledicencia, se acaso o sr. Manoel Joaquim não fosse tido e havido por um homem de probidade. Carolina (assim se chamava a criada) era o typo da *gouvernante* dos francezes, todavia o sr. Manoel Joaquim tratava-a com tanta familiaridade que prestes a distincção de criada e amo desappareceu. Muitas ve-

zes os dois á noite se sentavam um defronte do outro a relatar os successos do dia, e n'isto passavam algumas horas alegremente.

E' preciso pôr o leitor ao facto d'uma circumstancia, que muito elucida esta importante história. A sobrinha do sr. Manoel Joaquim tinha suas pertençações, já se sabe, não amorosas, porque o seu rosto era a mais valente trincheira contra as setas do Deus vendado; tinha pertençações a herdar esse pouco que possuia seu tio, visto ser ella a parenta mais proxima que lhe restava. A intimidade em que vivia o sr. Manoel Joaquim com Carolina dava-lhe muito que pensar, e, para o dizer sem rodeios — achava algum tanto *anachronico* que um velho de mais de 50 annos vivesse na mesma casa com uma rapariga de 20. Afóra esta bagatella a sobrinha do sr. Manoel Joaquim confiava inteiramente na probidade de seu respeitavel tio.

— Que tens tu ahi na mão? disse uma noite o sr. Manoel Joaquim á sua criada entrando em casa.

— Sabe o que é? E' uma tira de papel, presente do meu primo piloto, que foi para Gôa: diz elle que com isto se póde ser rica, mas julgo ser história.

— Deixa vêr.

E o snr. Manoel Joaquim pôz os oculos, prologo indispensavel para proseguir nas suas enfadonhas prelecções, que ás vezes duravam meia hora.

— Ah! é uma cautella de pinto! Isto não vale nada! Tambem fui tentado muito tempo com loterias e nunca pude tirar sequer o mesmo dinheiro. — Que numero é? 9:810—9, 8 e 1, 9— nada; ora está branco! Bem te pódes desfazer de semelhante numero, que não vale nem trinta reis!

Carolina ouviu o discurso do snr. Manoel Joa-

quim com toda a paciencia, e disse lá comsigo, que antes desejára que seu primo lhe dêsse o importe da cautela do que uma tira de papel de nenhum preço.

Haviam-se passado alguns dias: a sobrinha do snr. Manoel Joaquim estava sentada em sua casa pensando n'uma anecdota extravagante, que na vespera á noite lhe contára a sua visinha e amiga a snr.^a D. Jeronyma, velha viuva respeitavel que habitava na propriedade da sobrinha do snr. Manoel Joaquim, e que tinha por uso e costume espreitar tudo quanto se passava, e depois relatal-o adornado de mil episodios á sua amiga. Batem de repente á porta, e eis senão quando entra a snr.^a D. Jeronyma em corpo e alma.

— Ah! exclama ella mal podendo tomar a respiração, já sabes que teu tio...

— Meu Deus! Que succedeu? Meu tio está doente? Moribundo? Que foi?

— Socega, não é nada d'isso, cuidei que já tinhas ouvido...

— Ouvido o que? Alguma catastrophe... ai! Meu querido tio!...

— Não é coisa de cuidado... não o acreditava se o não visse com estes olhos que a terra ha de comer... quem o acreditaria? Um velho!

— D. Jeronyma, então meu tio fez alguma asneira?

— Asneira, sim, mas isso não é da minha conta, e tu deves sabel-o...

— Acaba, acaba, que não te percebo!

— Pois bem; já que assim o queres assim o tenhas—teu tio casou-se!

— Casou-se!

Seria impossivel descrever o effeito que estas palavras produziram na sobrinha do snr. Manoel Joa-

quim — assim como senão podia pintar a careta que fez. Pensou um momento; depois continuou:

— Não o creio...

— Não crês? Basta que te diga que os vi. Senti o rodar d'uma sege, cheguei á janella, como é meu costume, disseram-me que era um casamento; tratei logo de pôr o meu capote e lenço para não ser conhecida, e encaminhar-me para a igreja. Ao entrar na sacristia dou com os olhos em teu tio de casaca; sapato e meia, ramallete ao peito, levando pela mão uma rapariga que teria os seus 20 annos — alta, bem vestida, cahindo-lhe pelas costas um comprido véo...

— Eis os noivos! disseram todos.

— Casado! casado! bradava em altos gritos a sobrinha do snr. Manoel Joaquim. Porém com quem?

— Com a sua criada; com Carolina.

— Que vergonha! Ella que parecia tão modesta, tão comedida... Que deshonra para a nossa familia... sangue de cosinheira enxertado no nosso!...

— Agora não ha remedio; é conformares-te com a tua sorte.

— Deixal-o, para castigo basta-lhe o arrependimento que tarde ou cedo ha de chegar!

Em quanto as duas amigas discorriam da maneira que acabamos de vêr, o snr. Manoel Joaquim chegava a casa com sua mulher — não lhe pesando o pé uma onça e com a ligeireza d'um gamo — introduzia nos seus palacios a snr.^a D. Carolina Rodrigues, que abdicára o sceptro do reinado das caçarolas para cingir a corôa engraçada de dona da casa.

— Agora, minha Carolina (disse o snr. Manoel Joaquim tomando uma posição elegante, que se desconcertava algum tanto pela sua barriga saliente) és senhora absoluta do que ha n'esta casa e do meu co-

ração. Bem sei que o meu casamento vai encontrar muitos antagonistas, e um d'elles ha de ser minha sobrinha. Digam o que quizerem, que eu lhes responderei: «Um homem livre é senhor da sua vontade.» Demais, minha Caròlina, talvez julguem que eu não fiz um bom casamento... o que tu tens não é coisa de espantar, mas junto ao que possuo faz uma fortuna-sinha...

Aqui Carolina abriu muito os olhos.

— E' chegada a occasião de te encher d'alegria! Lembras-te a cautela que me mostraste? Passando pela loja aonde foi comprada—vejo muita gente junta com os olhos fitos n'um enorme cartaz, que dizia assim: 9:810, 5:000\$000 reis!! São teus, Carolina, são nossos—isto é, parte correspondente a 480 reis.

O leitor terá percebido (se não percebeu percebe agora) que Carolina era dotada d'uma certa indifferença, por isso não estranhára que, ao ouvir estas magicas palavras—se não ache transportada de jubilo ao setimo céo. A sua resposta foi curta, fria como um inglez em dia de nevoeiro.

— E' exquisito!

— Exquisito! é verdade núa e crúa... Não se brinca com objectos serios, muito serios!

— Ora veja como são as coisas!

— E' verdade, eu que tenho recorrido á taboada, oraculo infalivel em materia de sortes, estava capaz d'apostar que a cautela era branca!

— Mas o senhor...

— Não me chames senhor, sou teu marido, meu feitiço!

— Tu estás enganado... quero dizer... eu...

— Qual enganado! Levei o numero escripto n'um papel; 9:810, não é este?

— Sim, mas...

— Mas que?

— Ha oito dias que vendi a cautela!

— Qual vender nem meio vender! resmungou assustado o pobre Manoel Joaquim.

— Não te zangues; não me disseste...

— Mais respeito no tractamento... lembre-se de quem é, e de quem sou.

— Seja como quizer, proseguiu Carolina sem a mais leve alteração. O senhor não me disse: «Bem te podes desfazer de semelhante numero que não vale nem trinta reis?» Segui o seu conselho á risca; troquei o papel que me deu meu primo por um chaile de lansinha, e disse o homem que fazia bom negocio.

— Ah! eu arrebento!

O snr. Manoel Joaquim cahiu em peso sobre uma cadeira.

Aqui corro um véo; cada um faça as suas reflexões e avalie a posição do snr. Manoel Joaquim. Accrescentarei sómente que passada a primeira magoa, a casa do snr. Manoel Joaquim soffreu uma unica alteração: Carolina jantava á mesa em vez d'abanar o lume, e era por todas tratada como a mulher do snr. Manoel Joaquim em vez de sua cosinheira.

(DEMOCRITO.)

(*Illustração.*)

A oração dos Meninos ao cruzeiro do Deserto e os Salteadores da Floresta

I

Na bella e antiga cidade de Moscow, na Russia existiu muitos annos a casa magnifica do negociante

Wolskoi. Negociava em perolas e pedras preciosas, e como era um homem justo e temente a Deus e um negociante prudente e intelligente, os seus negocios corriam bem, e vivia commodamente com a sua familia, com as mãos sempre abertas para a pobreza.

Maria, sua mulher, era um anjo de meiguice e amor, e seus tres filhos cresciam no meio de alegrias. Iwan, que era o mais velho, era um menino de muito juizo e muito applicado; seus mestres elogiavam a sua applicação, e só lhe ceñsuravam certa curiosidade indiscreta.

Helena, que tinha quasi oito annos, era uma menina carinhosa, imagem de sua boa mãe e predilecta do pae; mas Miguel, que era o mais novo, era o mimo da mãe e o predilecto de todos.

Assim podia-se dizer que a casa de Wolskoi era feliz e abençoada, e Maria dizia muitas vezes que nunca se inquietaria n'esta imperturbavel felicidade, se sobre o sol da sua vida não passasse uma sombra no tempo desassocegado que durava uma jornada que seu esposo tinha de fazer cada anno.

Era necessario que Wolskoi em cada outomno fosse fazer as suas compras, e n'esse tempo as jornadas principalmente na Russia, não eram cousa tão facil e agradavel como hoje, que andamos em carros accelerados ou em caminhos de ferro, e sem incomodos nem perigos podemos atravessar metade do mundo.

Onde agora se estende uma bella planicie, cultivada e irregular por detraz de Moscow, era então quasi tudo bosque, e os caminhos que iam lá dar eram tão estreitos, tão pedregosos e asperos, que quando muito, só em bons cavallos é que se podia andar por elles. Os lobos não eram tanto para temer na melhor

estação como no inverno, mas muito mais os ladrões que n'esse tempo faziam perigosos os caminhos e os bosques, principalmente para os negociantes, que eram os que podiam levar mais que roubar. Só homens valentes e animosos é que se atreviam a fazer taes jornadas, e armavam-se com espadas e pistolas como se fossem para a guerra.

Wolskoi era homem de força e animo, que não se assustava facilmente, e poderia dar um bom militar como era bom negociante; mas para socego de Maria tinha-se ajuntado ao principio a ranchos de negociantes, que faziam as suas jornadas acompanhados por soldados. Porém esses ranchos eram ainda mais procurados pelos ladrões, e uma vez houve um combate tão acceso que Wolskoi esteve em risco de ficar morto. Desde então antes queria fazer só as suas jornadas, e sem estrondo nenhum, e o caso é que nos ultimos annos tinha sempre chegado a casa sem nenhum perigo.

Estava a chegar o tempo da jornada, e Maria trabalhava com todo o cuidado para que não faltasse nada a seu esposo.

Nos seus receios nunca fallava porque nem queria ouvir pronunciar a palavra—ladrões. Para os meninos eram de muito interesse os perigos que o pae ia correr. Iwan, que já tinha lido muitas historias, contava aos pequenos muitas aventuras que mettiam medo de lobos e ladrões, e fazia muitos planos como era, para o caso de ser o pae atacado e querer defender-se d'elles, levar por exemplo comsigo um saquinho cheia de arêa, e atiral-a aos olhos do ladrão e em quanto o ladrão não podesse abrir os olhos, dar esporas ao cavallo e correr a bom correr.

—Mas se um dos ladrões lhe atirasse um tiro pelas costas? perguntava Helena.

A isso não sabia o esperto Iwan o que havia de responder.

—Esses maus homens ladrões nascem nos bosques como os lobos e os ursos? perguntava Miguelzinho.

—Ai, não, dizia Iwan, ha muitos que antes de serem ladrões foram bons homens, outros que são atrevidos e descarados, que não obedecem a nenhuma auctoridade, outros que ao principio foram pobres que não tinham pão e pediam esmola, e depois fizeram-se atrevidos e desavergonhados e em vez de pedir tiram as cousas á força.

Estas cousas faziam scismar Miguelzinho.

No dia da partida do pae, tudo se moveu de madrugada na casa de Wolskoi. Pedro, antigo e fiel criado da casa sahi levando pela rédea o bello e bem aparelhado cavallo de seu amo, e Nicolau, criado novo e valente, que havia de acompanhar seu amo, ia em outro cavallo. A familia do negociante quiz acompanhal-o até ao alto de um outeiro que ficava perto, e d'onde se via a cidade.

Um lado d'esse outeiro era então coberto com um bosque que era cada vez mais cerrado, e se estendia até muito longe; o outro lado, que ficava voltado para a cidade, só tinha algumas arvores espalhadas. Em cima, na entrada do bosque, estava uma imagem de Christo em alta cruz de pedra, e ao pé uma pedra sobre a qual os devotos peregrinos costumavam fazer as suas orações.

O negociante subiu devagar o outeiro dando o braço a Maria, e levando Miguelzinho pela mão; ao pé d'elles iam Iwan e Helena. Chegados acima, assenta-

ram-se na pedra, e deitaram os olhos para a cidade maravilhosa, cujos zimbórios e torres brilhavam á luz do sol da manhã.

— Já aqui tenho estado muitas vezes, disse Wolskoi, alegrando-me com a vista da querida terra onde nasci, procurando entre todos os telhados, o telhado da nossa casa, e enchendo-me de contentamento por ir vê-ros outra vez. De hoje a dous mezes, se Deus quizer, aqui estarei, e verei a nossa casa em que vos terá guardado a bondade de Deus.

— Deus o queira! disse suspirando Maria, que nunca podia ser superior aos seus receios.

— Deus assim o ha-de querer, disse o pae com toda a confiança na bondade divina.

N'isto chegaram Pedro e Nicolau, que tinham subido por outro caminho, com os cavallos. Era tempo de partir. Volskoi deu um beijo em sua mulher e em cada um dos seus filhos, prometteu trazer-lhes algumas cousas bonitas, encommendou-os á santa guarda de Deus, e a cavallo metteu-se no bosque com Nicolau. Os meninos disseram adeus com os lenços emquanto o poderam vêr, e a mãe chorava aquella separação.

Quando os dous cavalleiros se encobriram de todo com as arvores do bosque, ajoelhou a mãe com os meninos e dirigiu ao ceu uma fervorosa oração para que Deus fizesse voltar felizmente Wolskoi á sua familia; o velho Pedro ajoelhou um pouco mais atraz. Depois levantaram-se, e voltaram em silencio devagar para a sua morada.

II

DUVIDA DE IWAN

Já tinham passado alguns dias depois que o pae

tinha partido; os meninos viviam socegados e obedientes á mãe, porque cada um queria que o pae, quando voltasse, só ouvisse boas noticias a seu respeito. Tambem cada um trabalhava para lhe ter preparada uma surpresa quando chegasse. Iwan deseinhava com muita applicação uma carta geographica da qual imaginava que o pae havia de vir a precisar nas jornadas que fizesse para o futuro; Helena tecialhe uma bolsinha de retroz de bonitas côres; Miguel rabiscava differentes cousas separadas, como ladrões, lobos, leões, dos quaes era preciso explicar o que representavam, e que elle preparava todos para o pae,

A mãe foi fazer uma visita a uma amiga doente, e tinha dado licença aos meninos para irem na companhia de Pedro ao jardim que era diante da porta. Mas Helena riu-se com malicia d'aquella licença, e cochichou ao ouvido de Miguelsinho umas palavras que elle não percebeu bem. Ella poz o seu chapelinho, e elles cobriram os seus bonitos barretes com plumas.

— Vens connosco, Iwan? perguntou Helena já fóra da porta.

— Ainda não sei, respondeu Iwan com ares de quem já não era creança; talvez vá brincar com os meninos já grandes que eu conheço, e não vou ao jardim.

— Nós não vamos ao jardim, disse Helena com um olhar que queria dizer alguma cousa.

— Então onde vão? pergantou Iwan.

— Helena poz-se em bicos de pés, puxou a cabeça d'elle para si e cochichou-lhe ao ouvido:

— Vamos ao outeiro, onde está a imagem do Senhor, rezar pelo pae para que volte com saude.

— Para isso não é preciso lá ir, disse Iwan; em toda a parte se póde rezar.

— Isso sei eu, disse Helena; mas n'aquelle bonito outeiro onde o sol está tão alto e tão azul por cima de nós, onde vimos o papá pela ultima vez, e onde a maman rezou comnosco, gosto mais de rezar do que em outra parte.

— Pois olha, tornou Iwan com ares de quem sabia muito; ainda te digo mais. Eu não acredito que o rezar possa servir para alguma cousa. Deus governa o mundo por leis sabias e eternas, e por pedido de uma creança não vai mudar uma cousa que já está destinada. Todos os astros que andam sobre nós são mundos, cem mil milhões de mundos, quasi todos muito maiores do que este em que vivemos. Diz-me se o bom Deus não teria que fazer se fosse a dar ouvidos a todas as creanças d'esses mundos. Elle não faz senão o que é bem que se faça.

Então chegaram alguns camaradas e chamaram Iwan para brincar; elle deixou ir os irmãos para onde elles quizeram, e Helena foi triste para o outeiro na companhia de Pedro e de Miguelsinho. Ella não tinha entendido bem o que lhe tinha dito o irmão mais velho, mas o caso é que já não ia tão alegre rezar. Mas assim como iam andando, foi-lhe lembrando tudo o que sua mãe já lhe tinha contado de Deus e do amado Salvador, como elle tinha chamado para si os meninos e os tinha abençoado, como elle mesmo já tinha sido um menino pobre e pequenino, e que elle entendia bem o que lhe diziam as creancinhas. O seu coração encheu-se outra vez de contentamento, e com Miguelsinho subiu ella alegre pelo caminho do outeiro, e quando poz os olhos no affavel semblante do Salvador crucificado e depois os levantou para o céu azul sentiu-se cheia de consolação e confiança, e pôde abrir a Deus, como abriria a um pae, a sua alma infantil,

e ensinou Miguelsinho a rezar pelo querido pae que andava por longe.

Quando voltou a casa, os seus olhos brilhavam de alegria, como de uma felicidade desconhecida; e antes de ir deitar-se, abraçou Miguel e disse-lhe ao ouvido:

— Eu bem sei que o bom Deus nos ouve.

III

A VOLTA

Era chegado o tempo em que o pae era esperado; as cartas n'aquelle tempo andavam devagar e eram incertas, e por isso elle não tinha podido marcar com exactidão o dia da sua chegada; mas os meninos faziam muitos preparativos para que em todo o caso elle achasse a casa bem arranjada.

Mas passou-se um dia e outro e outro depois d'aquelle em que o esperavam, a mãe já não podia disfarçar o seu receio, e os meninos não se atreviam a perguntar se viria o pae.

Era já perto da noite de um dia triste e ennevoadado, quando um homem caminhava pelo bosque na encosta do outeiro, devagar e a olhar sempre para todos os lados. Tinha um aspecto selvagem, o rosto queimado pelo sol; no cinto de couro que tinha debaixo da capa via-se um punhal e um par de pistolas, e ainda trazia mais uma espada curta. Caminhava muito devagar, e se ouvia ao longe algum rumor, abaixava-se no mato e deixava-se estar muito socegado até não ouvir mais nada.

Esse homem era Miguel Peruf, salteador muito temido, e o mais valente de uma grande quadrilha.

que por aquellas terras fazia mal seguros os caminhos pelas matas. Tinha tido questões com os seus camaradas que não o quizeram para capitão, e resolveu trabalhar para si só. Como era muito conhecido nos arredores até muito longe, e havia muita gente que lhe era sujeita por medo que tinham d'elle, foi informado por espias que n'aquelle dia havia de passar no bosque o rico negociante Wolskoi, acompanhado só por um criado. «Este não ha-de entrar vivo em casa» disse elle com um sorriso cruel, e andava alli a procurar um esconderijo seguro do qual o podesse atacar sem perigo nenhum.

Sabia que nenhum negociante fazia jornada sem ir armado, e apesar de ser forte como um leão e poder bem com quatro homens, comtudo temia que, se os assaltasse no meio do bosque, um d'elles escapasse e gritasse por soccorro. Mas tinha ouvido dizer que era costume dos que faziam jornada por aquelle caminho apear ao pé da imagem de Christo e rezar. Por tanto entendeu que era facil, se pelo lado de traz da cruz achasse um esconderijo seguro, matar um dos dous que esperava, e depois bem se aviria com o outro. Em toda a sua vida de salteador nunca se tinha atrevido a chegar tão perto de uma grande cidade, mas não era homem que tivesse medo fosse do que fosse, e em caso de maior perigo tinha animo para se matar.

Por fim tinha chegado ao alto do outeiro, e mettendo-se entre espessa ramagem do lado de traz da cruz em esconderijo bem seguro e occulto, estava com uma mão em uma das pistolas bem carregadas para não lhe falhar a empreza.

De repente ouviu do lado da cidade passos ligeiros e leves de quem sabia o outeiro. Era um menino

e uma menina pela mão um do outro; atravez das folhas dos arbustos viu o ladrão os finos e graciosos vestidos das duas creanças, mas além de uma cruz de ouro que a menina tinha ao pescoço não via n'elles nada de valor, e por tão pouco entendia que não valia a pena de fazer barulho n'aquella occasião.

Helena e Miguelsinho chegaram ao alto do outeiro; iam sós porque Pedro estava occupado em casa, e a mãe, por muito lhe pedirem, tinha consentido que fossem sós. O sol, que rompeu as nuvens no poente, alumiaa a cruz, e Helena que, desde a partida do pae já tinha ido alli muitas vezes rezar, voltando para casa com o coração cada vez mais alegre, ajoelhou e levantou a sua voz cheia de doçura, dizendo :

— Amado Salvador, que já foste menino, e muito amigo dos meninos, bem sabes como nós nos alegramos quando estamos com o nosso querido pae, e que a mamam morreria de afflicção se elle nunca mais voltasse. Amado Salvador, manda-lhe um dos teus anjos que o acompanhe para que chegue a casa com saude. Não é verdade, Senhor, que has-de fazer isto que te peço?

Estas ultimas palavras foram ditas com toda a confiança de um coração infantil. O ladrão que estava a pequena distancia do lado de traz da cruz, sentiu que alguma cousa estranha lhe entrava na alma; veio-lhe á idéa o tempo passado de ha muitos annos, e soaram-lhe no coração umas vozes que elle tinha esquecido no seu viver selvagem e barbaro. Pareceu-lhe vêr sua mãe, quando ella se ajoelhava ao pé da sua cama pequenina e rezava com elle, e ouvir-lhe ainda a voz tremula quando ella o abençoou á hora da morte, e pediu a Deus que um dia a ajuntasse com seu filho no céo. E agora? Lagrimas ardentes, que elle

não tinha chorado ha muitos annos, correram-lhe dos olhos que elle cobriu com as mãos callosas.

Depois levantou Miguelsinho a sua voz clara, e quiz tambem rezar com sua irmã e disse :

—Oh tu, amado Salvador, que estás agora e sempre no alto céo, e pódes vêr tudo o que vae pelo mundo, tem cuidado para que ao nosso querido pae não aconteça nada, porque elle traz uma espada para mim. Bom Senhor, se algum mau ladrão quizer matar nosso pae, dá-lhe muito pão e tambem dinheiro para que elle não faça mal, ou manda-o vir ter conosco por que eu lhe darei cousas bonitas; e depois faz que elle seja um homem honrado, e não torne a ser ladrão, para um dia poder ir para o céo.

Pareceu então áquelle homem rude que um anjo pedia a Deus por elle, e que uma voz lhe fallava do céo e lhe dizia: «Ainda pódes ser perdoado!» E pousou a cabeça no chão, como se fosse no limiar da casa paterna, e chorou. Os meninos não ouviam nada, e n'essa occasião chegou Pedro que os ia buscar; elles esperavam que o pae viria, mas Pedro não queria nunca demorar-se e elles obedeciam ao velho criado. Miguelsinho disse muito contente a Pedro: «Deus sabe agora bem o que ha-de fazer, porque já lhe disse tudo.»

Uma hora depois, quando já era noite fechada, corria a cavallo Wolskoi com seu criado pelo bosque, e corria porque tinha sido retardado alguns dias por um accidente acontecido ao seu cavallo, e não queria fazer esperar mais a sua familia.

O criado Nicolau não estava muito contente por seu amo andar ainda em jornada áquella hora, e chegava muito o cavallo para o de seu amo, e assustava-se com qualquer susurro, apesar de se ter gabado de dia

de matar tres ladrões se elles lhe apparecessem no caminho. Ao chegar á cruz ouviram rumor como se alguem andasse por entre os ramos e o mato, e o negociante levou logo a mão a uma carabina; mas não viram ninguem. Milhares de luzes brilhavam ao longe na cidade, e a imagem do Salvador era aluminiada por bellissimo luar. Apesar de Wolskoi ter muito desejo da vêr sua mulher e seus filhos, comtudo apeou no lugar onde se tinha apartado d'elles, para agradecer a Deus a protecção que lhe tinha concedido. Depois desceram o outeiro a trote, pela bem conhecida estrada até casa, onde ainda luzia uma luz, porque Maria estava a lêr no seu livro de orações para socegar o seu coração sobresaltado.

Foi uma verdadeira alegria quando o pae com apressados passos subiu a escada, e enxugou com beijos as lagrimas de sua esposa. Os meninos saltaram logo fóra dos seus leitos e não tinha fim o seu contentamento. Miguelsinho não se esqueceu de perguntar se o pae lhe trazia a espada, mas o que principalmente alegrava os outros era vêrem outra vez seu pae e amigo. Quando por fim foi possivel resolvel-os a voltarem para a cama, disse Helena muito baixinho ao ouvido de Iwan:

— Não é verdade que o Senhor me ouviu?

No dia seguinte o pae desempacotou as ricas pedras preciosas que tinha comprado e o que levava para seus filhos. Miguel tinha uma espada e uma pistola pequenina, Iwan um estojo para desenho muito bonito e tintas e bellos livros, Helena um vestido de velludo azul e uma cestinha de fio de prata. Não podiam estar todos mais contentes. Miguel dizia que a outra sua espada já velha podia ser mandada a um ladrão por não ter matado o papá.

De tarde subiram todos ao outeiro para lá festejarem a volta feliz do pae e darem graças a Deus por os ter ajuntado a todos vivos e com saude. Iwan estava muito sério e já não dizia nada contra a oração, mas não deixava de pensar lá para si que se ninguém rezasse, tambem o pae 'teria chegado sem perigo.

Em quanto o pae e a mãe de mãos dadas estavam assentados no pedestal da cruz, e contavam um ao outro o que tinham feito na ultima semana, metteram-se os meninos por entre os arbustos. De repente Iwan gritou: «Que é isto?»

A medrosa Helena fugiu para ao pé da mãe, e o pae foi logo ver o que tinham os meninos. Entre o mato estavam duas pistolas grandes, uma espada curta e bem afiada, e uma carabina, e de redor até muito longe não se achavam signaes de andar alli gente.

—Estas armas são de ladrão porque nenhum soldado as tem assim, disse Pedro que tinha acompanhado seus amos ao outeiro.

E Wolskoi deu-lhe razão. A mãe e os meninos assustaram-se muito vendo aquellas armas de salteador, e alguma gente da cidade, que n'aquella occasião passava, e a quem Pedro mostrou as armas achadas, poz-se a procurar pelo bosque.

Nada se encontrou. Só por alguns ramos quebrados e mato calcado é que se viu que tinha estado um homem escondido em um sitio muito cerrado do bosque. Wolskoi scismando voltou para casa com os seus sem poder entender o que tinha havido, mas bem entendia que tinha de dar graças a Deus por uma protecção milagrosa.

IV

O HOMEM DESCONHECIDO

Passado um anno depois do que temos contado, não foi preciso a Wolskoi fazer a jornada do costume, e com isso teve Maria grande contentamento. Uma manhã foram dizer-lhe que um homem estranho estava á porta e pedia muito ao senhor Wolskoi que o tomasse no seu serviço.

N'essa occasião o velho Pedro, que era um bom criado, estava para partir para a sua terra por ter herdado uma casa pequena, e queria passar em socego o fim da sua vida; mas não era muito facil substituil-o bem por outro.

O estranho era um homem alto e magro, muito queimado do sol, com as barbas e os cabellos muito curtos. O seu aspecto não era muito agradavel, mas tinha um olhar de tanta tristeza, que involuntariamente se compadecia d'elle quem o visse.

— Como te chamas, meu amigo, e donde és? perguntou Wolskoi.

— Chamo-me André, disse o homem; não sei se tenho mais nomes nem d'onde sou, mas juro-lhe que não achará ninguem que o sirva com mais fidelidade do que eu.

— Tenho muitos servos nas minhas quintas, disse Wolskoi, que posso chamar para o serviço da casa; e não estou disposto para tomar no meu serviço um homem que não conheço.

— Não me mande embora! disse André em tom da mais humilde supplica; se o Senhor do ceu já algum dia lhe fez cousa que lhe pedisse, queira tambem

fazer-me o que peço. Talvez salve uma alma da eterna perdição.

Os meninos tinham-se agarrado ao pae, e Helena, apesar de lhe metter algum medo a cara tostada d'aquelle homem, sentiu-se tão commovida, que puxando com muita meiguice por um braço do pae, disse-lhe baixinho: «Papá, não o mande embora!»

Wolskoi, que tambem tinha dó do homem, resolveu experimentar se elle lhe serviria.

Criado mais socegado, mais fiel e mais exacto no cumprimento dos seus deveres do que era André, nunca ninguem tinha tido. Dormia com os cavallos na cavallariça e ninguem era capaz de o resolver a dormir em outra parte. Nenhum serviço para elle era baixo, nenhum trabalho lhe parecia pesado. Fazia pouca companhia aos outros criados e nunca tomava parte em divertimentos; mas como ajudava a todos e trabalhava por todos e se contentava com o mais ordinario, todos o estimavam e deixavam-no viver como elle queria. Só quando não tinha nenhum serviço para fazer, é que sahia de casa, mas era para ir á egreja, ou para socorrer os que se viam afflictos com um incendio ou com outro qualquer perigo. Então mostrava a coragem e a força de um leão, mas em casa era socegado e manso como um cordeiro. A sua maior alegria era quando podia fazer algum serviço aos meninos da casa, que pouco a pouco tinham perdido o medo que tinham d'elle; principalmente o Miguelsinho. Saltava de contente se o menino tocava na corneta que lhe tinha feito, ou se conversava com elle em intimidade infantil. Era capaz de dar o sangue do coração por Miguelsinho.

Muitos annos se passaram assim, e Wolskoi ia cada anno fazer a sua jornada e voltava a casa sem perigo. Depois de bem provada a fidelidade do novo

criado, começou este a acompanhá-lo nas jornadas, e Maria ficava sem susto quando sabia que André lhe fazia companhia, porque sabia que elle era forte como um leão, e que mais depressa se deixaria fazer em pedaços do que deixar perder um cabello de seu amo.

Muitas vezes se tinham deitado todos em socego e alegres se tinham todos levantado, quando uma noite foram acordados pelo grito de: Fogo! Um armazem de mercadorias, que ficava pegado á casa, incendiou-se, e antes de se dar fé do incendio, já as labaredas tinham passado á casa de Wolskoi, e na janella do quarto no andar superior, onde dormiam os meninos com seu mestre, appareceu este com Iwan, quando a sahida pela porta estava já tomada por fogo e fumo. Iwan, que era animoso, quiz atirar-se abaixo, mas recuou quando reconheceu que aquelle salto terrivel lhe daria a morte sem falta.

N'aquelle tempo eram muito imperfeitos os apparelhos contra fogo, e antes que se preparassem escadas e se atassem umas ás outras, pôdia o quarto cahir em ruinas com as pessoas que tinham dentro. A mãe desesperada queria entrar por meio das labaredas, e o pae quiz subir as escadas mas cahiu atordoado pelo fumo. Então appareceu André, que com a coragem da desesperação, conhecendo o perigo logo á primeira vista, immediatamente amarrou umas ás outras todas as cordas da cavallariça e do armazem.

Com uma rapidéz incrível como um gato bravo trepou por fóra da casa, sem ter onde segurasse os pés e as mãos senão nos cordões e laços da pedra, até que pôde segurar a corda no caixilho da janella; agarrou em Miguelzinho, e como um relampago desceu pela corda com a sua carga bem segura; e antes que Iwan e o mestre se tivessem resolvido a seguir aquelle

meio desesperado de salvação, subiu outra vez para os socorrer, e trouxe-os para baixo com toda a segurança. Mal chegava á rua pela ultima vez quando a corda cahiu queimada.

Como se nada tivesse ainda feito, começou André de novo a sua obra salvadora, e onde era preciso salvar homens, gado, ou cousas de valor, estava elle em toda a parte. «Isto é o diabo, não é homem», dizia o povo espantado d'aquella ousadia. Mas Maria, abraçando os seus filhos salvos do fogo, dizia: «Não é um demonio, é um anjo.»

O incendio tinha-se apagado sem mais prejuizo do que a perda da casa de Wolskoi, porque dinheiro, joias, ouro e tudo o que era de valor tinha sido salvo, e ainda que muito maior tivesse sido o prejuizo, pouco importava porque todos os seus filhos estavam juntos de redor d'elle, e isso parecia-lhe uma riqueza infinita.

Mas André, o fiel criado, estava estendido e ás portas da morte no portal de uma casa vizinha: tinha acabado a differença entre o amo e o criado, e como amigo intimo o cercavam todos com os olhos cheios de lagrimas, esforçando-se por alliviar-lhe os ultimos soffrimentos.

Helena chegava-lhe aos labios ardentes uma bebida fresca, a mãe punha-lhe pannos de linho molhados nas queimaduras, Iwan e Miguelsinho corriam a chamar um medico e um confessor, que por vontade do pai foram chamados.

O medico entendeu que não havia nada a fazer, e o doente pediu que o deixassem só com o sacerdote e com seus amos. Miguel ajoelhou ao pé do seu salvador e apertou nas suas as mãos do moribundó.

— Não tenho muito tempo para confissões, disse

o doente esforçando a voz, e fazendo-se superior ás suas dôres. Eu sou o salteador Miguel Peruf!

Todos recuaram por um movimento de terror; só Miguelsinho conservou as mãos do seu amigo presas nas suas, e olhou para o moribundo com um olhar cheio de amor.

— Desde que comecei a minha maldita vida de ladrão, os roubos e o sangue innocente com que tenho carregado a minha alma, é cousa que nem sei dizer. Todos hão-de estar lembrados d'aquella tarde, ha sete annos, quando o snr. Wolskoi, hoje meu bom amo, voltava da sua jornada para casa. Eu espreitava-o pelo lado de traz da cruz para o roubar e matar. N'isto chegaram duas creanças e foram rezar ao pé da cruz. A oração da menina moveu-me estranhamente o coração, mas quando ella acabou de rezar, o demónio incitou-me outra vez e eu disse cõmmigo: Perdido por um, perdido por cem; mata o negociante, e verás se não és mais poderoso do que o Deus que o deve proteger. N'isto o menino levantou a sua voz, e como elle na sua innocencia tambem pedia a Deus pelos desgraçados salteadores, souou dentro em mim uma voz como de anjo que me dizia que eu ainda podia salvar-me, e quando o snr. Wolskoi chegou, deitei fóra as armas e fugi. Não é facil a um ladrão tornar a ser homem de bem, e eu pensei muitas vezes em ir entregá-me aos tribunaes para achar na morte a justiça e o socego. Mas havia ainda muita escuridade em minha alma, e eu bem quizera saber antes de morrer se podia ter alguma esperanza de perdão. Eu sentia cada vez mais a necessidade de me chegar para a creancinha que tinha sido para mim um anjo, e por isso pedi trabalho n'esta casa.

Calou-se obrigado pela força das dôres.

—Pobre André, disse Helena chorando, e é com uma morte tão cheia de tormentos que pagas a tua fidelidade!

—Praza ao céo aceitar a crueza d'esta morte por uma parte das minhas culpas, disse o moribundo, erguendo para o céo os olhos vidrados.

A morte chegou antes que o sacerdote pudesse annunciar o perdão em nome da igreja, mas a admiravel serenidade de seu rosto descórado manifestava que não o abandonava a misericordia divina.

EPILOGO

O criminoso passado do salteador desceu com elle á sepultura; mas a memoria da sua fidelidade viveu sempre em corações agradecidos.

A casa do negociante foi outra vez levantada com todo o acio, e depois da morte de seus paes viveu n'ella Helena ao lado de um esposo adorado. Miguel tomou conta das herdades de seu pae, e foi para os seus servos um amo cheio de bondade, não esquecendo nunca que a cada hora podemos ser destinados por Deus para sermos anjos para os outros. Iwan seguiu a sua inclinação para observar tudo, e tem corrido muitas terras e mares, e um dos maiores proveitos que tem tirado da sua vida passada sem necessidades é ter aprendido a rezar.



OBRAS Á VENDA

NA

LIVRARIA PORTUGUEZA

DE

JOAQUIM MARIA DA COSTA

55, Largo dos Loyos, 56

PORTO

Amante e Irmã, drama em 2 actos por J. P. da Conceição 1 vol. br.....	200
Amor e Honra, drama original em 2 actos por Antonio Moutinho de Souza. Porto. 1 vol. 8.º br.....	200
André o fabricante, drama em 5 actos, original de J. M. Dias Guimarães. Porto. 1 vol. 8.º br.....	240
Caldeira de Pero Botelho (A), por Arnaldo Gama. Porto. 1 vol 8.º br.....	500
Fanny, estudo por Ernesto Feydeau, romance trasladado para portuguez por Camillo Castello Branco. Porto. 1 vol. 8.º br.....	400
Honra ou loucura, romance, por Arnaldo Gama. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Mocidade de Henrique IV (A), romance historico seguido da Rainha das trincheiras, pelo Visconde Ponson du Terrail. Porto. 10 vol. br.....	2500

Mysterios sociaes, comedia em 4 actos, original de A. Cesar de Lacerda. Porto. 1 vol. 8.º br	400
Anatema, romance original. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Carlota Angela, romance original. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Duas horas de leitura. Porto. 1 vol. 8.º br..	400
Espinhos e flores, drama original. Porto. 1 vol. 4.º br.....	300
Filha do Arcediago (A), romance. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Horas de Paz, escriptos religiosos. Porto. 1 vol.....	600
Lagrimas abençoadas, romance. Porto. 1 vol. 8.º br.	400
Livro Negro do Padre Diniz, romance em continuação dos Mysterios de Lisboa. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Mysterios de Lisboa, romance original. Porto. 2 vol. 8.º br.....	1\$000
Neta do Arcediago (A). romance. Porto. 1 vol. 8.º br.....	400
Onde está a felicidade? romance. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
O que fazem mulheres, romance. Porto 1 vol. 8.º br.....	500
Poesia ou dinheiro? drama em 2 actos. Porto. 1 vol. 8 br.....	200
Purgatorio e Paraizo, drama em 2 actos. Porto. 1 vol. 8.º br.....	200
Romance de um homem rico. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Scenas contemporaneas. Porto. 1 vol br....	500

Scenas da Foz. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Um homem de brios, romance em continuação	
Onde está a felicidade? Porto. 1 vol. 8.º br.	500
Vingança (A), romance. 1 vol. 8.º br.....	500
Obras de Julio Diniz:	
Fidalgos da Casa Mourisca (Os), chronica da	
aldeia. Com o esboço biographico do auctor.	
Porto, 2 vol. 8.º fr.....	800
Morgadinha dos Canaviaes (A), chronica da	
aldeia. Porto. 2 vol. 8.º br.....	800
Pupillas do Snr. Reitor (As), chronica da al-	
deia. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Uma Familia ingleza, scenas da vida do Por-	
to. Porto. 1 vol. 8.º br.....	600
Poesias. Porto. 1 vol. 8.º br.....	500
Serões de Provincia 1 vol.....	600
Poesias, por A. A. Soares de Passos. Porto.	
1 vol. 8.º br.....	500
Poesias de A. Corrêa de F. S. C. Porto. 1	
vol. 8.º br.....	400
Poesias de Antonio Pinheiro Caldas Guima-	
rães, natural da cidade do Porto. Porto. 1	
vol. 8.º br.....	500
Poesias (Novas) de Faustino Xavier de No-	
vaes, acompanhadas de um juizo critico de	
Camillo Castello Branco. Porto. 1 vol. br.	15000
Poesias (Novas) de José Ramos Coelho. Porto.	
1 vol. 8.º br.....	400
Preço da felicidade (O), por D. Branca de	
Carvalho. Porto. 1 vol. 8.º br.....	400
Romance de uma mulher, por Alexandre Du-	
mas, filho. Porto. 3 vol. br.....	700
Rua Escura (A), tradição portuense. por An-	
tonio Coelho Louzada. Porto. 1 vol. 8.º br.	500



LIVRARIA PORTUGUEZA-EDITORA
 DE
 JOAQUIM MARIA DA COSTA

55, LARGO DOS LOYOS, 56

PORTO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Mysterios de Lisboa. 2 vol.....	1\$000
Onde está a felicidade?.....	500
Um homem de Brios	500
Amor de Perdição.....	500
Livro Negro do Padre Diniz.....	500
Livro de Consolação.....	500
Memorias do Carcere 2 vol.....	1\$000

JULIO DINIZ

Pupilas (As) do Snr. Reitor.....	500
Uma Familia Inglesa.....	600
Morgadinha (A) dos Canaviaes 2 vol.....	800
Fidalgos (Os) da Casa Mourisca 2 vol.....	800
Serões da Provincia.....	600
Poesias.....	500

D. H. P. ESCRICH

Cura (O) de Aldeia 3 vol.....	1\$800
Livro (C) de Job 3 vol.....	1\$600
Amor (O) dos Amores 3 vol.....	1\$800
Inferno (O) dos Ciumes 3 vol.....	1\$800
Martyr d. Golgotha 2 vol.....	1\$200
Casaca (A) Azul 2 vol.....	1\$000
Apostolos (Os) 3 vol.....	1\$800

POESIA

Poesias por Soares de Passos.....	500
Primaveras por C. d'Abreu.....	500
Poesias por Pinheiro Caldas.....	500
Poesias por Xavier de Novaes 3 vol.....	3\$000
D. Jayme por Thomaz Ribeiro.....	800
Delfina do Ml.....	80
Vesperas.....	1\$00
Sons que passam.....	60
Flores do Campo por J. de Deus.....	60
Folhas Soltas.....	60

